U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ÁRQUITETURA

Desenhar a minha casa:
entre razão e empatia

Eliana Pereira dos Santos

M

2022

Eliana Pereira dos Santos . Desenhar a minha casa: entre razão e empatia

Desenhar a minha casa: entre razão e empatia
Eliana Pereira dos Santos

U.PORTO

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP 2022

Desenhar a minha casa:

entre razão e empatia

Eliana Pereira dos Santos

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Sob a orientação dos docentes Filipa de Castro Guerreiro e Sergio Fernandez

Porto, 2021/2022

"Ainda há casas com pés-direitos baixos,

parapeitos que as crianças escalam

e onde, encolhidas, queixos sobre os joelhos,

veem cair a neve lentamente

sobre os pátios escuros e estreitos.

Ainda há salas que falam de vidas,

de armários cheios de roupas de cama, mesa e banho herdadas

Há cozinhas silenciosas onde alguém se senta

a ler um livro apoiado em um pão.

A luz incide ali com a voz de uma persiana branca.

Se fechares os olhos poderás ver,

que em uma manhã, ainda que fugaz, espera

e que seu calor se mescla com o calor daqui de dentro

e que cada floco de neve que cai,

é um sinal de boas-vindas"

Bo Carpelan. ***Homecoming,*** 1993

Citado por Juhani Pallasmaa em *Identidade, Intimidade e Domicílio*, in *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p.22

nota prévia à leitura:

A presente dissertação segue o novo acordo ortográfico.

As citações transcritas em português, referentes a edições de língua inglesa ou espanhola, e presentes na seguinte prova, foram livremente traduzidas e/ou transcritas pelo autor.

agradecimentos

Agradeço à professora Filipa Guerreiro e ao professor Sergio Fernandez pela honra que me concederam em acompanhar este último capítulo da minha vida académica, e por aceitarem o desafio sem praticamente me conhecerem.

Agradeço ao meu avô que com os seus quase noventa e oito anos foi capaz de presentear-me com histórias da casa que eu não cheguei a conhecer e à minha avó, que apesar de já ter partido, teve um papel igualmente marcante nesta casa. Agradeço ao meu pai também por me ter ajudado a reconstituir a casa do passado e por ter acreditado em mim. Agradeço à minha mãe pelo apoio e à minha irmã pelos momentos de ternura e de força, ao longo não só deste processo, mas também ao longo de todo o curso.

Por fim, mas não menos importante, muito antes pelo contrário, agradeço em especial ao Pedro, por tudo o que ele sabe, mas principalmente por ser o meu maior companheiro, nesta aventura que é arquitetura, e em tudo o resto da vida.

resumo

A constituição de uma *casa* é algo que vai além da sua materialização física inicial. Mais do que uma caixa com portas e janelas, a casa deverá servir como lar de alguém. Os arquitetos projetam casas, nas quais as pessoas por sua vez constroem a sua noção de lar, baseando-se em aspetos eminentemente emocionais como memórias e desejos.

Sob esse ponto de vista, a conceção de uma casa é, talvez, o exercício de projeto mais desafiante de todos e o que exige maior sensibilidade, pois quando se projeta uma casa é preciso que esta venha a ser a base para o lar do seu futuro habitante. À partida, os arquitetos, com a sua formação detêm as ferramentas e o conhecimento necessário para dar resposta a este desafio tão complexo. Ainda que projetar a casa para outros implique a dificuldade acrescida de conseguir interpretar as suas necessidades, quando o papel de arquiteto e de cliente coincidem, há uma oportunidade especial para uma reflexão sobre a relação entre *lar* e *casa.*

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre como desenhar uma casa que permita a instalação de um lar. Para isso, a partir de memórias da casa dos meus avós que significou um segundo lar para mim, e da reflexão sobre casos de estudo concretos, tentarei encontrar as premissas para projetar a minha casa, capaz de receber o meu território pessoal no futuro, isto é, o meu lar.

abstract

The constitution of a house is something that goes beyond its initial physical materialization. More than a box with doors and windows, the house should serve as someone's home. Architects design houses, in which people in turn build their sense of home, based on more emotional aspects such as memories and desires.

From this point of view, the design of a house is, perhaps, the most challenging design exercise of all and the one that requires greater sensitivity, because when designing a house it is necessary that it becomes the basis for his future inhabitant's home. From the outset, architects with their training have the tools and knowledge necessary to respond to this very complex challenge. Although designing the house for others implies the added difficulty of being able to interpret their needs, when the role of architect and client coincide, there is a special opportunity for a reflection on the relationship between home and house.

The present work aims to reflect on how to design a house that allows the installation of a home. For this, based on memories of my grandparents' house, which meant a second home for me, and reflection on specific case studies, I will try to find the premises to design my house, capable of receiving my personal territory in the future, that is, my home.

sumário

Agradecimentos 005

Resumo | *Abstract* 006 - 007

Introdução 010 - 013

1. CASA DOS AVÓS : memória do lar **015**

1.1. origem e história 016 - 025

1.2. usos e valores 026 - 031

1.3. espaços e relações 032 - 037

1.4. identidade da casa 038 - 039

1.5. memória e herança 040

2. CASAS ONÍRICAS : componentes do lar **043**

2.1. significado de lar 044 - 049

2.2. componentes do lar: 050 - 069

2.2.1 conforto 052 - 057

2.2.2 intimidade e sociabilidade 058 - 063

2.2.3 identidade e memória 064 - 069

2.3. lar do arquiteto 070

3. NOSSA CASA : ensaio para um lar **073**

3.1. lugar e forma 074 - 077

3.2. materialidade 078 - 079

3.3. pátios de memórias 080 - 087

3.4. sociabilidade e intimidade 088 - 093

3.5. um espaço para o meu território pessoal 094 - 098

Fontes bibliográficas 100

palavras-chave: *casa; lar; empatia; razão; projeto*

introdução

objeto

Quando se desenha uma casa é necessário ter a consciência de que esta irá acolher um lar, o lar do seu habitante. A casa será o cenário onde hábitos e rotinas se desenrolam, a base para o território pessoal de alguém. O arquiteto projeta esse cenário e as pessoas apropriam-se dele, criando o seu lar que tem por base as suas experiências, memórias e rituais de vida pessoais.

O papel do arquiteto não se deve sobrepor a essa apropriação, por isso, importa conhecer qual o âmbito da sua ação. Já quando a casa é para si e o seu papel coincide com o de futuro habitante, há a oportunidade especial para uma reflexão sobre a relação entre o lar e a casa. O objeto de estudo da presente dissertação é precisamente entender a ideia de *lar* e a sua relação com a materialização da *casa* que o acolhe.

objetivo

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo procurar saber como projetar uma casa, neste caso, a minha casa, de maneira a que reúna as condições mais favoráveis para que isso aconteça. Identificar questões, relações, formas e temas espaciais fundamentais que possam adquirir significado na conceção futura de um "lar" e exercitar o seu desenho através do projeto. Aprofundar ainda essa reflexão, convocando diversos autores e casos de estudo e analisando uma casa que possui, para mim um grande valor emotivo e simbólico.

método

Para atingir esse objetivo, a dissertação divide-se em três partes, sendo as duas primeiras correspondentes à fase de investigação que serve de base ao exercício de projeto realizado na parte final. Desse modo, o trabalho parte inicialmente da descrição gráfica e escrita da casa dos meus avós, numa tentativa de identificar os espaços que marcaram a memória e a construção mental desse lar. Num segundo momento, elabora-se uma reflexão sobre os componentes de um lar e uma análise de três casos de estudo: *Vill'Alcina*, *Casa Alves Costa* e *Casa Eames* - considerados representativos de temas fundamentais para um lar. Além disso, em dois desses casos os arquitetos projetaram a casa para si, o que os aproxima do desafio a que me proponho também.

Assim, entendendo as questões mais emotivas associadas às memórias da casa dos avós e aprofundando a cultura arquitetónica adquirida ao longo do curso, procura-se reunir um conjunto de temas que conduzirão o exercício de projeto de uma casa na parte final do trabalho. Uma casa para abrigar o meu lar e o que quero ser no futuro.

estrutura

Perante esse desafio, o trabalho adquire uma estrutura dividida em três capítulos correspondente aos três momentos necessários para atingir o propósito de projeto final: o desenho da nossa casa. Nossa, porque será tão minha, quanto do Pedro[1], e por isso, idealizada em conjunto.

_ O primeiro capítulo, **Casa dos Avós: memória do lar**, funciona como ponto de partida e diz respeito à casa dos meus avôs e à sua memória enquanto lar que marcou a minha infância e moldou as experiências que carrego comigo atualmente. A casa foi construída em 1957 e o seu estudo é feito ao longo de quatro subcapítulos que vão desde a análise da sua história, da evolução dos usos e das relações dos espaços, à interpretação do que fora a sua identidade. No final deste momento, pretendo refletir sobre a memória e a herança que ficou da casa e quais os temas e elementos que importa recuperar e incorporar na nossa casa.

_ O segundo capítulo, **Casas Oníricas: componentes do lar**, apresenta uma exposição teórica de lições a reter para o exercício de projeto final, e ao mesmo tempo possibilita a criação de um afastamento do lado pessoal. Para isso, é realizado, num primeiro momento, uma reflexão sobre o *significado de lar* e consequentemente a sua relação com a *casa*. Num segundo momento, é feita uma síntese teórica sobre os componentes propícios à conceção de um lar, ou melhor dizendo, os aspetos que um arquiteto deve procurar promover quando projeta uma casa.

São designados como componentes fundamentais: o *conforto,* a *intimidade* a par da *sociabilidade*, e a *identidade* e *memória*. Cada um é desenvolvido num subcapítulo próprio e demostrado numa obra. O conforto é associado à *Vill'Alcina,* a ideia da intimidade e sociabilidade à *Casa Alves Costa* e por fim, a identidade é interpretada na *Casa Eames.* Este capítulo é fechado com uma reflexão sobre a oportunidade que se dá quando o arquiteto tem a possibilidade de criar a casa que servirá de base ao seu lar, como foi o caso do que sucedeu na *Vill'Alcina* e na *Casa Eames*.

_ No terceiro capítulo, **Nossa Casa: ensaio para um lar**, é elaborado o exercício de projeto do desenho da casa, tendo em conta princípios que resultaram do estudo realizado anteriormente e os temas que se pretende retomar da casa dos avós. Determinam-se as principais condicionantes atuais do lugar e da parcela destinada à casa, partindo do pressuposto que a casa dos avós não existiria no sítio. De seguida, elabora-se o programa que se considera pertinente para o futuro. Com todas estas premissas, é desenvolvida e explicada uma proposta. Um projeto de uma casa para o futuro que possua a flexibilidade e a abertura que a vida exige.

---

[1]Pedro, parceiro de curso e da vida, que participou ativamente na reflexão desta casa, que seria tão minha como dele.



| *Vista sobre a fachada principal da casa em 1987* (foto do arquivo de família)

1. Casa dos avós

memória do lar

EVOLUÇÃO DA CASA

Esc. 1-300



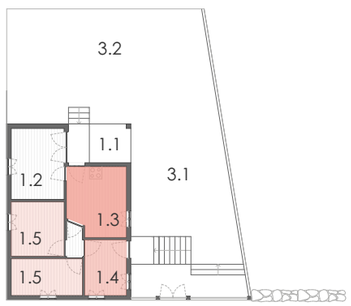
1. CASA
   - 1.1 alpendre
   - 1.2 sala de costura
   - 1.3 cozinha
   - 1.4 sala
   - 1.5 quartos

2. ANEXOS
   - 2.1 sala de costura
   - 2.2 cozida do forno
   - 2.3 arrumo

3. ESPAÇOS EXTERIORES
   - 3.1 pátio
   - 3.2 zona de cultivo

Área útil habitação - 76m²

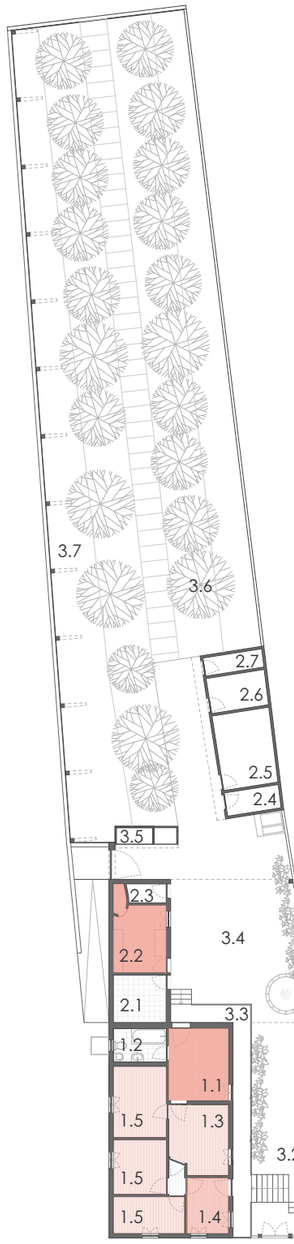
1960





Área útil habitação - 76m²

1957



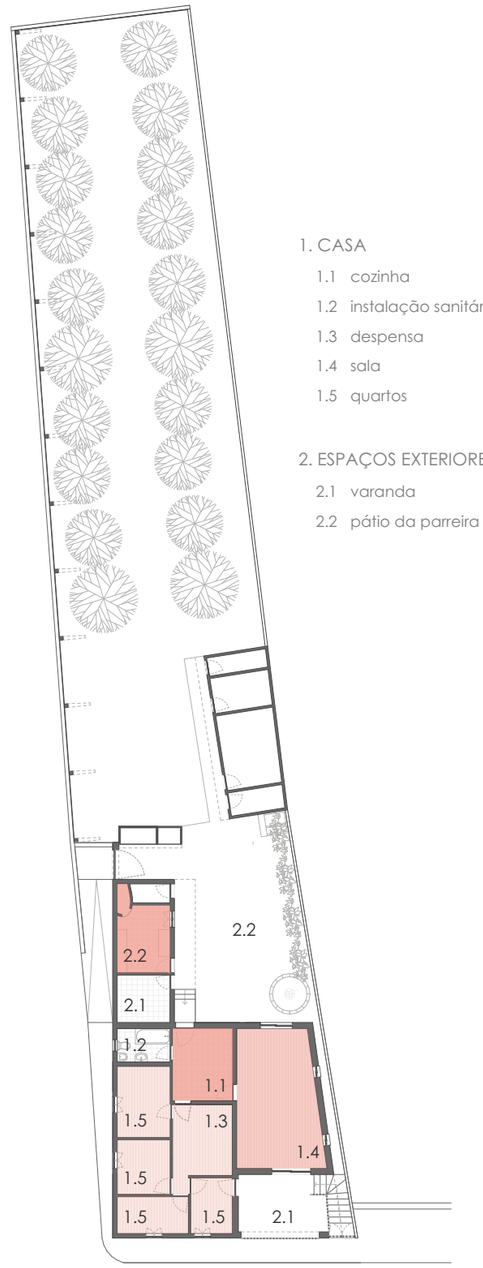
1. CASA
   - 1.1 cozinha
   - 1.2 instalação sanitária
   - 1.3 despensa I quarto
   - 1.4 sala I quarto
   - 1.5 quartos

2. ANEXOS
   - 2.1 sala de costura
   - 2.2 cozida do forno
   - 2.3 arrumo
   - 2.4 galinheiro
   - 2.5 arrumos
   - 2.6 aido
   - 2.7 retrete

3. ESPAÇOS EXTERIORES
   - 3.1 pátio de entrada
   - 3.2 jardim
   - 3.3 varanda
   - 3.4 pátio da parreira
   - 3.5 viveiros
   - 3.6 pomar
   - 3.7 zona de cultivo

Área útil habitação- 90,5m²

1972



1. CASA
   - 1.1 cozinha
   - 1.2 instalação sanitária
   - 1.3 despensa
   - 1.4 sala
   - 1.5 quartos

2. ESPAÇOS EXTERIORES
   - 2.1 varanda
   - 2.2 pátio da parreira



Área útil habitação - 117,3m²

1977

Legenda:

intensidade de uso

Nota: - a área útil total corresponde apenas ao edifício pricipal da habitação.
- a comparação restringe-se ao piso 1 por se tratar do piso principal da habitação, e por ter sido este a sofrer as principais alterações.



1. CASA
   - 1.1 cozinha
   - 1.2 i. sanitária
   - 1.3 átrio
   - 1.4 sala
   - 1.5 quartos
   - 1.6 arrumo
   - 1.7 i.s. serviço

2. ANEXOS
   - 2.1 lavandaria
   - 2.2 cozinha
   - 2.3 arrumos
   - 2.4 arrumos
   - 2.5 viveiro

3. ESPAÇOS EXTERIORES
   - 3.1 varanda
   - 3.2 pátio
   - 3.3 alpendre
   - 3.4 jardim
   - 3.5 zona de cultivo

Área útil habitação- 156m²

1989

1.1. *origem e história*

Numa vila, cujo nome tem origem no século VIII, nasceu em 1957 uma casa, a casa dos meus avós. Esta vila que tomou o nome de um pequeno curso de água que ali passava ficou conhecida como *Rio Meão*.

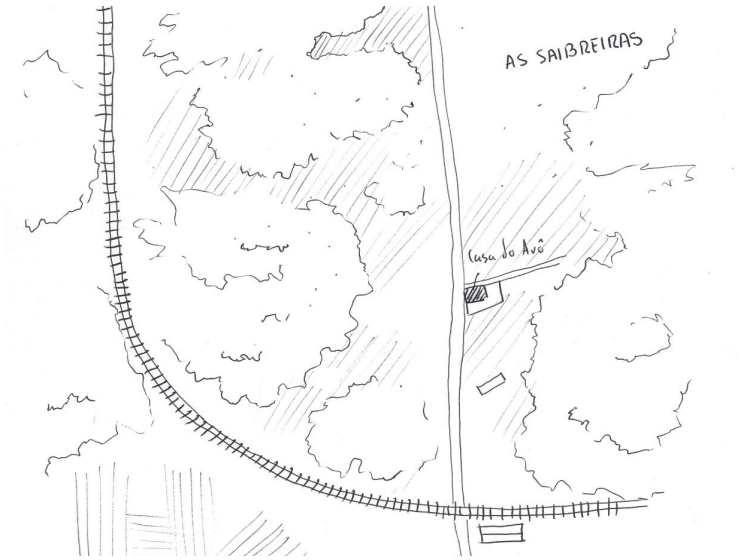
Na sua topografia estável, dominava essencialmente a paisagem arborizada constituída por campos agrícolas e vastas áreas de pinhal. O seu tecido urbano foi-se expandindo ao longo de um eixo, que estabelecia a importante ligação à cidade-coração do concelho – *Santa Maria da Feira*. A partir desse eixo que viria a tornar-se na rua principal da vila, ramificaram-se outras ligações de menor dimensão, uma delas, a futura rua da *Estação*. É precisamente nesta rua, quando ainda era apenas um caminho de terra que interrompia o denso pinhal, que os avós resolveram construir uma casa. Segundo as suas palavras, terá sido das primeiras a ser construída na zona das *Saibreiras*.

Estadia na casa dos bisavós

Quando se casaram em 1953, o meu avô mudou-se para esta vila, terra da minha avó e os primeiros anos do seu casamento foram passados em casa dos pais dela, uma modesta habitação térrea, situada nos arredores da zona anteriormente mencionada.

A casa apresentava as caraterísticas usuais das casas de lavoura da região. Uma delas era a sua colocação à face da rua, libertando o restante terreno para cultivo. Além da habitação, havia um anexo agrícola e um espigueiro, um elemento bastante presente nas casas de lavoura da época, como o *Inquérito* veio ilustrar:

[1] Evolução da casa dos avós, de 1957 a 1989, plantas e alçado, escala 1.300 – levantamento dos espaços e intensidade de usos (desenhos de reconstituição da casa elaborados a partir de documentos e relatos de familiares, por ES em 2022)





[2] Esquema da zona das Saibreiras em 1950: pinhal e a casa dos avós (desenho de ES, 2022)

[3] Foto representativa do cenário da zona das Saibreiras em 1950, com pinhal e comboio a vapor (https://www.wikiwand.com/pt/Pinhal_de_Leiria)

"Quando é preciso arrecadar em quantidade o milho, principal colheita destas terras de regadio, recorre o lavrador ao Espigueiro ou Canastro, verdadeiros silos (…)."[1] Havia também um pátio que era usado como uma extensão exterior da casa, associado a uma ramada.

No interior da casa, na cozinha, junto à lareira desenrolava-se tudo o que era importante do dia-a-dia. Se por um lado, a ***lareira*** aquecia a vida no interior da casa, por outro, no exterior, a existência do ***poço*** garantia a frescura dos campos.

Zona das Saibreiras, compra dos terrenos

O desejo de aumentar a família conduziu à urgência de encontrar um lugar próprio para viver e foi nessas circunstâncias, que uns terrenos a 270 metros dali, localizados na zona das *Saibreiras* (nome dado pela predominância do saibro no solo) chamaram a atenção dos meus avós. Lá só existia a linha do comboio pertencente ao troço que estabelecia ligação entre Espinho e Oliveira de Azeméis, cuja inauguração fora em 1908. Na década de setenta, a construção da estação neste local levou a que se nomeasse o caminho principal das *Saibreiras* como rua da *Estação*.

Nesta paisagem ainda dominada por pinhal, os avós resolveram comprar um primeiro terreno com 154m^2 para construir a sua casa. Esta ação parece ter despertado interesse na zona, uma vez que outras pessoas, decidiram pouco tempo depois também comprar aqui terrenos. No prazo de três anos, os avós aumentaram ainda a área do terreno inicial até aos 598m^2, com a compra quase seguida de mais duas parcelas, o que permitiu estender a propriedade até aos sessenta metros.

---

[1]TÁVORA, Fernando, (et al), Zona 1, in (*Arquitectura Popular em Portugal*, 1ªed., Lisboa, Sindicato nacional dos Arquitectos, 1961), *Zona 1, Arquitectura popular em Portugal*, vol 1, coord. João Afonso (et al), vol.1, 4ªed, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p.56

Construção inicial

Em 1955, iniciou-se a construção da casa, que ficou concluída logo após dois anos. As reduzidas dimensões do terreno inicial e a vontade habitual de libertar o terreno nas traseiras para cultivo ditaram logo a implantação da casa à face do caminho. Por outro lado, a casa encostou-se simultaneamente ao limite norte, ao longo de um caminho menor que ali passava, assumindo assim uma posição de gaveto. Deste modo, foi possível libertar o terreno a sul para um jardim, e a nascente, para as hortas.

Como o terreno original se elevava em relação ao caminho, foi necessário escavá-lo para dar espaço à construção da casa. O piso inferior ficou ligeiramente enterrado a nascente e a sul. O resto da propriedade foi aterrado numa plataforma meio piso acima do espaço público e três degraus abaixo do piso superior da casa.



[4] Desenhos do projeto inicial da casa em 1957: alçado principal-poente e sul (arquivo de família)

O edifício era um volume de dois pisos rematado por um telhado de quatro águas, assente sobre estrutura de madeira. O piso superior estava destinado à habitação propriamente dita, e o inferior à adega, onde eram armazenados os pipos, a salgadeira e o serrim. Neste piso existia uma porta de acesso direto ao caminho principal, mas para se aceder a partir daí ao resto da casa era necessário passar pelo portão e atravessar o jardim a sul, até ao alpendre localizado a nascente do edifício. Uma vez nesse espaço, existiam duas portas: uma de acesso à cozinha, e outra de acesso à sala de costura, onde a avó costumava receber pessoas, devido aos arranjos de costura que fazia para fora.

A cozinha era a divisão maior da casa, e nela ficavam o fogão, a lareira e a mesa de refeições de madeira, encostada a uma parede. Dali se podia aceder aos restantes espaços da casa, a sala e dois quartos, por um pequeno átrio. Os desenhos que constam de 1957 [imagem 4] e que foram licenciados pela câmara municipal na época não correspondem exatamente ao que foi construído.

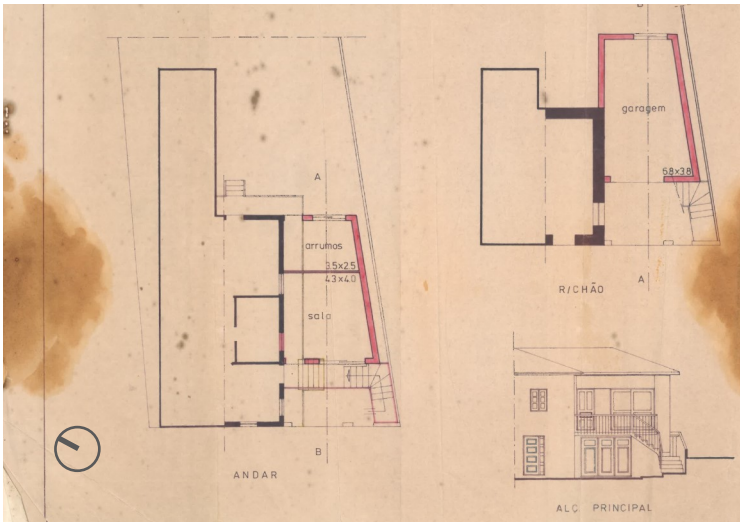
Primeira ampliação

Poucos anos mais tarde, em princípios da década de sessenta, com o aumento da propriedade, foi possível construir um anexo de apoio onde se instalaram uma cozinha de forno, um quarto de banho e um galinheiro. Mantendo a lógica da construção existente, este anexo localizou-se junto do limite norte da parcela, voltando os seus espaços para um pátio a sul, onde existia uma ramada, à semelhança do que sucedia na casa dos bisavós.

Abrigo de família - 2ª ampliação

Em 1972, realizou-se a segunda intervenção na casa, com a criação de uma nova cozinha e um quarto de banho no edifício principal. A ampliação fora necessária devido ao aumento do número de filhos. A nova cozinha foi construída no lugar do antigo alpendre, e o quarto de banho logo ao lado. Converteu-se a sala de costura num quarto e a antiga cozinha num espaço polivalente que tanto servia de quarto como de arrumo, consoante a necessidade. Nesta fase, a casa chegou a ter um total de cinco quartos. No restante terreno, construiu-se ainda um anexo agrícola e ergueu-se um extenso pomar.

Foi ainda nesta fase, que os avós resolveram revestir a casa com azulejo, de maneira a proteger melhor as suas paredes da poeira que se levantava quando alguém passava no caminho principal.



[5] Desenhos de projeto de ampliação da casa em 1977: plantas R/C e Andar e alçado principal (arquivo de família)

Espaço de representação social - 3ª ampliação

No ano de 1977, a casa sofreu um novo aumento, desta vez motivado pela melhoria das posses financeiras da família. O avô tirou carta de condução e adquiriu um automóvel que desejava guardar numa garagem sua. Para isso, à casa existente adossou-se um novo volume a sul, de dois pisos, que fechou o lote para a rua. No seu piso inferior ficou a garagem, e no superior uma nova e espaçosa sala.

No projeto original, como é visível nos desenhos [imagem 5], era suposto o novo volume ficar recuado em relação à rua, mas o desejo de ter uma garagem maior, não o permitia. Desse modo, a garagem alinhou-se à face da rua e o recuado fez-se apenas no piso superior, com uma varanda que antecedia a entrada na nova sala. Esta sala tornou-se o espaço de maior representação da casa, e o seu uso era limitado aos dias importantes. Nesses dias, a entrada fazia-se pelo portão da rua principal, subindo uma escada em "L" até à varanda. Nesta, abria-se uma grande porta de correr, cujos panos de vidro estavam trabalhados com cores diferentes, e entrava-se por fim, na sala propriamente dita. A sala possuía uma decoração austera em tons frios como o verde nos sofás e o castanho escuro dos móveis.

Entretanto, como a maioria dos filhos saíra de casa para construir a sua vida à parte, deixou de ser necessário um número tão grande de quartos e por essa razão, o avô decidiu reorganizar as divisões da casa. Reduziu-se o número de quartos para apenas três mas de dimensão mais generosa e as suas paredes que eram de madeira foram demolidas, reerguendo-se novas em tijolo. Refez-se ainda a cobertura da casa, simplificando-a num telhado de duas águas.

Lugar de reunião - *última ampliação*

A última ampliação da casa deu-se em 1989, com a construção de uma cozinha-salão[2], que além de servir para os usos do quotidiano serviria também como salão em dias de festa. A sua construção implicou a demolição do anexo da cozinha do forno, dando lugar a um novo volume com cobertura de duas águas. A antiga porta de entrada na casa passou a ser a porta interior que ligava a nova cozinha aos restantes espaços da casa.

A entrada na nova cozinha era feita a eixo, encontrando-se à direita a zona de cozinhar, delimitada por um balcão em L, e à esquerda, a zona de refeições com uma mesa de seis lugares. A zona de estar ficava logo a seguir, marcada com um sofá virado para uma lareira de canto e para uma televisão, que tinham entre si a tal porta de acesso à zona mais íntima da casa, juntamente com três degraus.



[6] Vista sobre a fachada principal da casa em 1987, já próxima ao estado que conheci (foto do arquivo de família)

---

[2] *Cozinha-salão* porque se tratava de um espaço polivalente que tinha a cozinha juntamente com a sala de jantar e de estar.

Na zona de cozinhar, o grande saco de chaminé forrado com azulejo marcava a posição do fogão. No extremo do balcão de trabalho, existia uma janela virada a norte que permitia verificar quem se aproximava da casa, e além dessa, existiam outras duas, no lado oposto do espaço, por onde entrava a intensa luz do sol a sul.

No exterior da casa, sobrou um estreito pátio virado a sul onde se continuara a estender roupa ao sol. Aí permaneceu o lago redondo, que fora construído anos antes, com o intuito de recolher a água do depósito que existia na cobertura quando este estivesse cheio. O acesso informal da casa continuou a ser feito a partir da travessa das *Saibreiras,* por uma rampa. Contudo, o portão de entrada passou a abrir-se para uma zona coberta pelo beiral da casa, que antecede a entrada na nova cozinha, e a partir da qual se acedia aos espaços exteriores. Em frente e virado a norte, ficava o novo jardim e logo a seguir, o quintal, onde subsistiam três laranjeiras do antigo pomar, que entretanto deixara de existir.

Das sucessivas ampliações que a casa foi sofrendo ao longo do tempo, o impacto negativo maior foi a perda de espaços exteriores. O terreno inicial tinha 154m^2 e desses, a habitação ocupava apenas 53m^2, enquanto que na sua última fase, a sua implantação passou a corresponder a 243m^2 em 486m^2 de terreno. Por um lado, houve um encurtamento do lote e por outro, a densidade do edificado aumentou, resultando numa redução de área exterior da casa. Foi esta conformação da casa que conheci. Vivi-a e experienciei os seus espaços com a curiosidade de uma criança, e agora, mais velha, com os conhecimentos que adquiri, a minha vontade é entendê-la melhor, porque tal como Bachelard dizia: *"Até a mais modesta habitação, vista intimamente é bela."*[3]

---

[3]BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.200



1.2. *usos e valores*

Os usos e costumes foram-se alterando ao longo do tempo e as transformações que se deram na casa procuraram acompanhar naturalmente essas mudanças. Se se comparar a fase inicial da casa (1957) com a fase final, é possível tirar algumas conclusões [imagem 9 e 10].

A cozinha foi o único espaço cuja importância se manteve central na casa. Inicialmente estava mais destinada às tarefas domésticas, com a cozinha do forno, onde se cozia o pão, e se fazia de tudo um pouco: *"(…) cozinha-se, come-se, amanha-se o produto da lavoura, cose-se, descansa-se, está-se, conversa-se, recebe-se quem não é de muita cerimónia"*[4] . Com o tempo, tornou-se o espaço mais relacionado com o convívio e lazer. O desejo de reunir toda a família em dias festivos veio exigir a construção da cozinha-salão em 1989. Um espaço amplo com aproximadamente 39m^2 que favorecia a polivalência dos usos. Apenas um balcão delimitava de forma fixa a zona de cozinhar, e todo o restante espaço estava livre para que, em dias de festa, a família se pudesse reunir à volta de uma mesa comprida. Fora essas datas, normalmente pela sua posição, os móveis definiam as zonas de comer e de estar. No sofá, os avós passavam longas tardes a conversar ou entretidos com o rádio ou a televisão.

O surgimento da televisão revolucionou os hábitos domésticos de lazer e convívio familiar. *"O único aparelho da casa encontra-se, em regra, na sala de estar, onde se reúnem todos os elementos da família, para ver determinados programas"* [5]. Neste espaço, também era habitual ao fim da tarde, rezar-se e ouvir-se o terço, prática que os meus avós cumpriam rigorosamente.

---

[4]MATTOSO, José, *História da vida privada em Portugal: a época contemporânea*, vol.4, s.l., Temas & Debates, 2011, p.17
[5]Ibid, p.311

[7] Cozinha-salão com a família reunida à mesa num dia de festa em 2005 (desenho de ES com auxílio de fotografia, 2022)

Havia ainda num canto, um bar que era o ponto menos usado da cozinha-salão, no dia-a-dia. Era nos dias de festa, que esta zona ganhava uma nova dinâmica de uso. Nesse dias, moviam-se as partes do sofá desmontável para esse canto, para dar espaço à grande mesa. A disposição estratégica destas partes, juntamente com um par de mantas, permitia às crianças construírem uma cabana, onde se entretinham por horas. Esta ânsia de construir um abrigo está enraizada nas pessoas desde a infância, como Steen Eiller Rasmussen reconhece *"…em certa idade, a maioria das crianças sente vontade de construir algum tipo de refugio*".[6]

A sala adquiriu em 1977 um valor acrescido enquanto espaço de representação social. Era usada apenas em dias de cerimónia para receber convidados ilustres, como o padre. Na sua organização *"reina a mobília completa, um conjunto ho-*



[8] Família na cozinha-salão em 1999 (foto do arquivo de família)

---

[6]tradução livre de "*… a cierta edad, la mayoria de los niños tienen ganas de construir algún tipo de refugio." S. E. Rasmussen, Experiencia de la arquitectura , Labor, Barcelona, 1974, p.37, citado em* MONTEYS, Xavier, (et al), *Casa Collage; Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Barcelona, Gustavo Gili, 2001, p. 26

mogéneo: num extremo, fica a zona de jantar, invariavelmente composta por uma mesa iluminada por um lustre, e um louceiro onde se expõem os objetos mais valiosos; no outro extremo, a zona de estar, com dois sofás maples e um sofá do mesmo modelo."[7] Aqui, as peças mais valiosas da casa permaneciam expostas para serem vistas, mas nunca tocadas, à semelhança do que acontecia num museu.

O quarto foi um espaço que manteve a sua função, mas onde se procurou garantir cada vez mais um maior conforto. Se nos quartos iniciais mal havia espaço para uma cama nos seus $5m^2$, o aumento da sua área para $12m^2$, tornou possível novas comodidades. Todos passaram a ter uma cama de casal a eixo do espaço, ladeada por mesas de cabeceira, assim como uma cómoda e um roupeiro. Existiu também uma preocupação estética em combinar o mobiliário com a restante decoração, como os cortinados e o papel de parede. Devido à forte crença religiosa que os meus avós tinham, existiam nos quartos várias imagens e objetos religiosos.

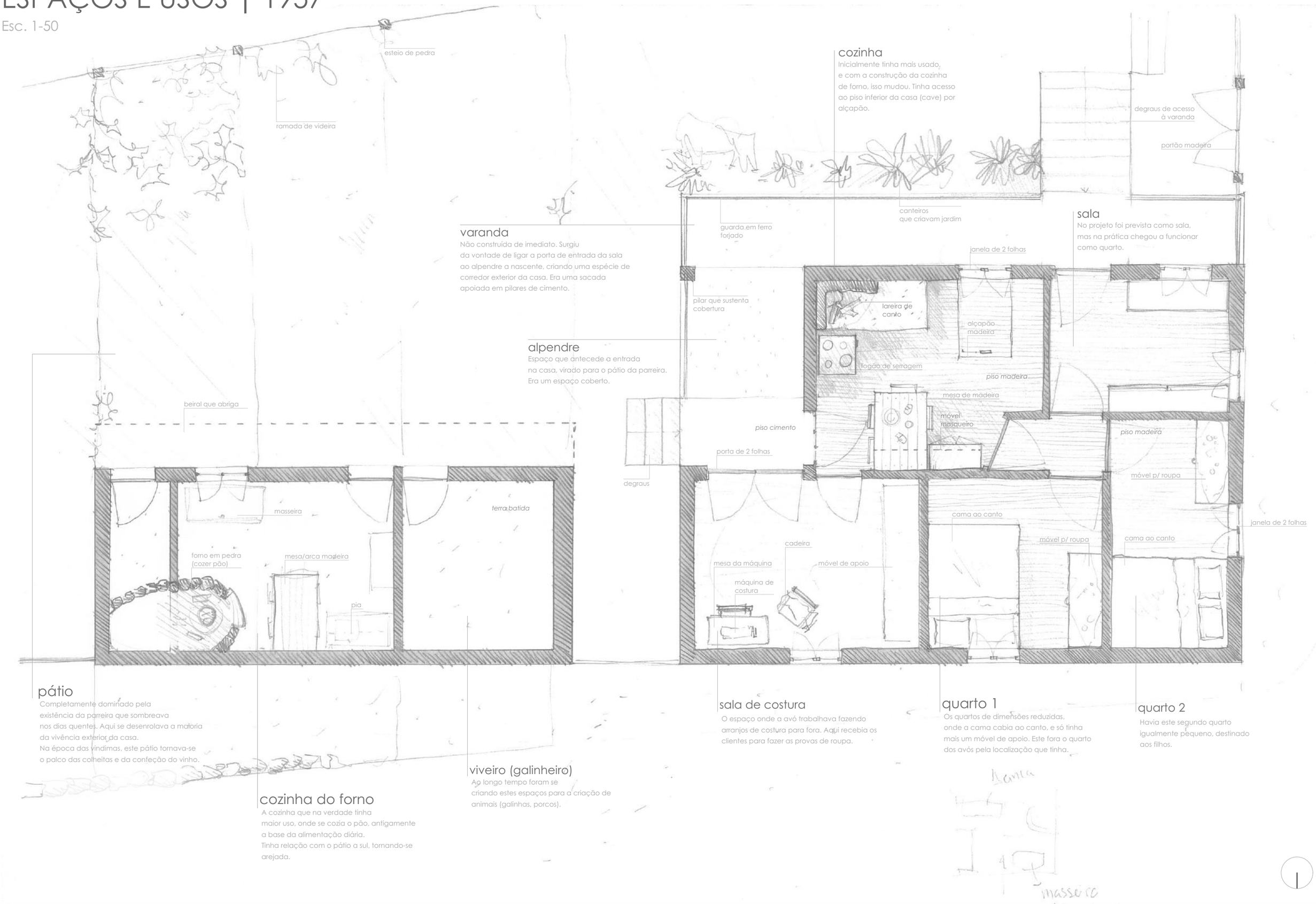
Quanto aos espaços exteriores da casa, assistiu-se ao seu gradual abandono, consequência das sucessivas expansões que se deram ao longo do tempo. Foram perdendo dimensão e relação com os interiores da casa. Do pátio da parreira onde antigamente havia espaço para tudo, quer para as brincadeiras das crianças, quer para os trabalhos agrícolas, subsistiu apenas um pequeno pátio a sul. Das laranjeiras que em tempos pertenceram ao pomar foram-se colhendo alguns frutos, e do jardim da avó foram se regando as suas flores, até à sua partida.

---

[7]MATTOSO, José, *História da vida privada em Portugal: a época contemporânea*, vol.4, s.l., Temas & Debates, 2011, p.40

ESPAÇOS E USOS | 1957

Esc. 1-50



varanda

Não construída de imediato. Surgiu
da vontade de ligar a porta de entrada da sala
ao alpendre a nascente, criando uma espécie de
corredor exterior da casa. Era uma sacada
apoiada em pilares de cimento.

alpendre

Espaço que antecede a entrada
na casa, virado para o pátio da parreira.
Era um espaço coberto.

cozinha

Inicialmente tinha mais usado,
e com a construção da cozinha
de forno, isso mudou. Tinha acesso
ao piso inferior da casa (cave) por
alçapão.

sala

No projeto foi prevista como sala,
mas na prática chegou a funcionar
como quarto.

pátio

Completamente dominado pela
existência da parreira que sombreava
nos dias quentes. Aqui se desenrolava a maioria
da vivência exterior da casa.
Na época das vindimas, este pátio tornava-se
o palco das colheitas e da confeção do vinho.

cozinha do forno

A cozinha que na verdade tinha
maior uso, onde se cozia o pão, antigamente
a base da alimentação diária.
Tinha relação com o pátio a sul, tornando-se
arejada.

viveiro (galinheiro)

Ao longo tempo foram se
criando estes espaços para a criação de
animais (galinhas, porcos).

sala de costura

O espaço onde a avó trabalhava fazendo
arranjos de costura para fora. Aqui recebia os
clientes para fazer as provas de roupa.

quarto 1

Os quartos de dimensões reduzidas,
onde a cama cabia ao canto, e só tinha
mais um móvel de apoio. Este fora o quarto
dos avós pela localização que tinha.

quarto 2

Havia este segundo quarto
igualmente pequeno, destinado
aos filhos.

ESPAÇOS E USOS | 1989

Esc. 1-50

quarto-de-banho de serviço

Utilizada quando se andava nas zonas exteriores da casa. Era forrada a azulejo azul no chão e até certa altura nas paredes e o resto pintado em beige. Tinha uma pequena janela basculante, virada a sul, em alumínio.

pátio

Onde se colocava a roupa a secar ao sol, pendurada no estendal. Pavimento em cimento rugoso e limitado por um muro e uma rede. Possuía inúmeros vasos com orquídeas e o lago circular em tijolo, dos peixes.

átrio

Antiga cozinha, da qual ainda subsiste a base em pedra do antigo forno. Era o átrio do telefone, um cómodo escuro e frio.

sala

Usada apenas em dias festivos, como na Páscoa, com entrada e ligação através da varanda. Era um espaço imaculadamente conservado e arranjado.

arrumo

Cómodo onde a avó passava a roupa a ferro.

varanda

Era pouco usada, limitando-se aos momentos onde se regavam os vasos.

alpendre

Zona coberta, com piso cerâmico, onde os avós passavam longas tardes sentados a conversar, enquanto ouviam o canto do pássaro e se deleitavam com a visão do esmerado jardim.

cozinha

O espaço mais utilizado da casa, no dia a dia. Era onde os avós cozinhavam, comiam, conversavam ou até rezavam o terço. Tinha umas dimensões generosas e relação visual com o pátio a sul.

quarto-de-banho

Único quarto de banho completo, localizado estrategicamente a meio, entre zona social e íntima. Em tons claros, e com uma pequena janela virada a norte.

quarto verde

Era o quarto mais pequeno e teve a mobília feita à medida por encomenda. Além disso, tornou-se o quarto menos usado.

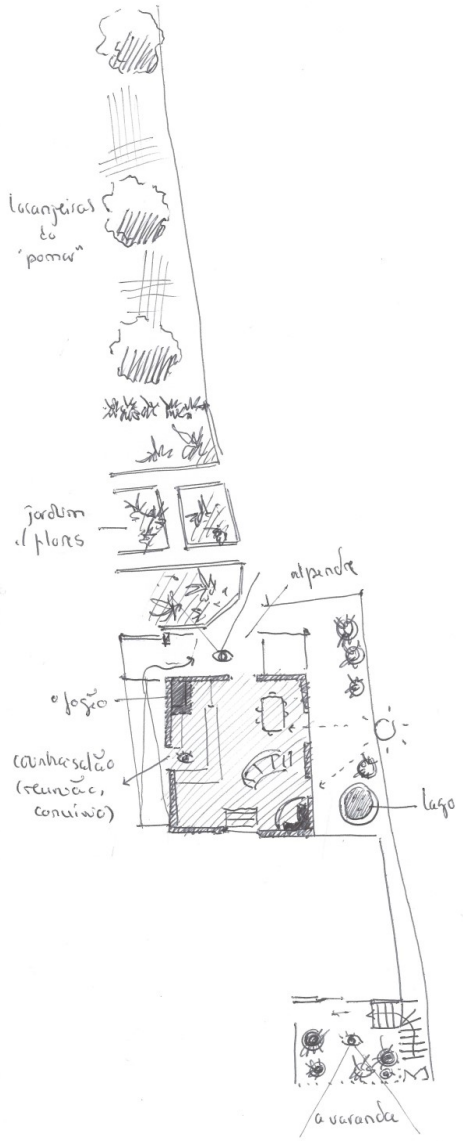
quarto amarelo

Era o quarto maior e por isso, o escolhido pelos avós. Tinha os cortinados e alguns apontamentos como almofadas em amarelo torrado.

quarto azul

Era o único com acesso à varanda, apesar de ser raramente utilizado. Foi o quarto utilizado pelo último filho a casar (meu pai).

ARQUIVO DE ARQUITECTURA



[11] Esquema com os espaços e elementos principais da casa segundo experiência pessoal (desenho de ES, 2022)

[9] e [10] Plantas de usos da casa no estado inicial em 1957 e em 1989, escala 1.50 – análise de cada espaço e levantamento do seu mobiliário (desenho de reconstituição elaborado a partir de relatos de familiares, por ES em 2022) (painéis da página anterior)

1.3. *espaços e relações*

"O lar não é um simples objecto ou edifício, mas uma condição complexa e difusa, que integra memórias e imagens, desejos e medos, o passado e o presente."[8] Para um entendimento completo da casa do meus avós, é preciso compreender o que fora a sua essência enquanto lar, as ideias e seus temas espaciais e, inclusive as relações que se estabeleciam entre si [imagem 11]. Esta é a condição complexa que me vinculou emocionalmente à casa e que me faz regressar a ela, através das memórias. Bachelard falava sobre este fenómeno de apego emocional, ao dizer: *"Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade."*[9] Para mim, é essencial entender como se projeta uma casa que dê espaço a estes temas, onde se produza sensações semelhantes às que senti neste lar da minha memória.

pomar

O ***pomar*** surgiu no início dos tempos da casa. Mal adquiriram a máxima extensão da propriedade, os avós mandaram plantar árvores de fruto de diversas qualidades. O meu pai contou-me que em criança costumava correr e esconder-se atrás destas árvores. Na minha infância já só conheci três laranjeiras desse pomar, que se enchiam de luminosos pontos laranja, sempre que chegava à época certa.

jardim

O ***jardim*** sempre fora o maior gosto da avó, que se esmerava em mantê-lo pintado de todas as cores de flores possíveis [imagem 12]. Quando era pequena, lembro-me da curiosidade que sentia para conhecer o nome de todas essas flores: as astromélias, as gerberas, as orquídeas, entre outras. A sensibilidade e gosto que conservo por esta área, devo a esse primeiro contacto que a avó me proporcionou.

---

[8] PALLASMAA, Juhani, *Identidade, Intimidade e Domicílio*, in *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p.12

[9] BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.201





[12] Jardim com as laranjeiras que subsistiam do pomar em 1999 (foto do arquivo de família)

[13] Pátio de entrada na cozinha-salão, onde são visíveis as flores do jardim, em 2000 (foto do arquivo de família)

pátio da parreira

Não cheguei a conhecer verdadeiramente o ***pátio da parreira*** a não ser através das palavras do meu pai. Era habitual a existência da parreira nas casas de lavoura da época e neste caso, esta ajudava a sombrear um pátio virado a sul, formando um autêntica sala exterior. Nele, os mais pequenos desenhavam no chão com um caco diversos esquemas que serviam como base para os seus jogos e na época das desfolhadas, o mesmo chão cobria-se de espigas.

tanque

O ***tanque*** encontrava-se abrigado a um canto desse pátio e era um elemento também muito presente naquele tempo, que trazia frescura aos dias quentes de verão. Infelizmente, com o passar do tempo, perdeu grande parte da sua utilidade, acabando encerrado num compartimento, desligado do exterior.

lago

O ***lago*** dos peixes nasceu de uma resposta a uma necessidade. Havia um depósito de água na cobertura e quando este enchia, era necessário recolher a sua água, impedindo a mesma de cair diretamente sobre o piso. Nesse sentido, construiu-se um lago circular, no qual se colocou mais tarde carpas vermelhas. Em pequena, adorava contemplá-lo com os seus peixes.

entradas

A casa sempre teve duas ***entradas:*** uma informal e outra formal. A mais usada era feita através de uma rampa, que terminava num espaço coberto pelo beiral da casa. Este espaço além de mediar a relação entre o exterior e interior da casa, era lugar de longas conversas entre os avós, sentados enquanto ouviam os pássaros e contemplavam o jardim. A entrada formal, por outro lado, fazia-se a partir da rua principal, por umas escadas até à varanda, que tal como no caso anterior, também funcionava como espaço de transição para o interior da habitação.

ESPAÇOS E RELAÇÕES

Legenda:
- espaço de acolhimento caloroso
- elementos associados a fontes de calor
- zona mais fechada e privada

4 > o PÁTIO
virado a sul

este pátio que em tempos tinha a forma do poço, estreitou. Manteve o lago dos peixes.



existe apenas na memória, através de laranjeira e tangerineira que subsistem.

5 > o POMAR
laranjeira / tangerineira



4 > o JARDIM
(flores coloridas)

o jardim colorido (as flores da avó, com o tempo, perdeu relação (alguns espaços.



1 > o ALPENDRE
faz entrada informal

1.1 flores (do jardim) agradável ao olhar
1.2 canto do pássaro (o som) " para escutar
1.3 cadeiras (para sentar e contemplar, amovíveis)

é o espaço que medeia a relação rua secundária e casa, antecedido por portão e rampa. Daqui anda-se ao interior ou ao resto do lote



"porta"

2 > a COZINHA (SALÃO)
espaço de reunião, convívio



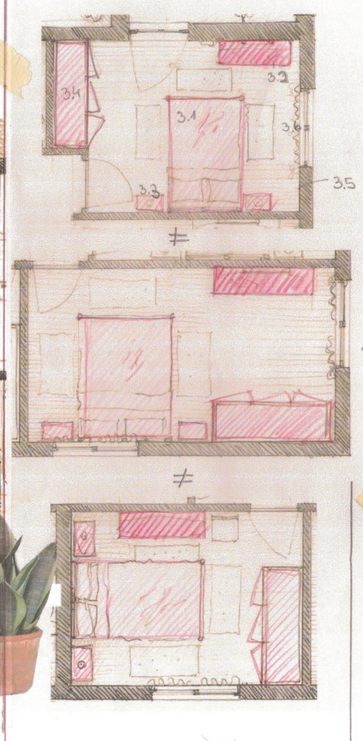
2.1 "o calor" (lareira / fogão)
(aconchego nos dias frios)
2.2 a mesa = centro social
(em dias de festa, ganha destaque)
2.3 o balcão - filtra, protege
(limita zona de cozinhar)
2.4 os vasos = desejo "natureza"



é o 1º cómodo, quando se faz a entrada informal do dia-a-dia. Composta por 3 zonas: cozinha, comer e estar. É onde ocorrem as maiores dinâmicas diárias e nos dias de festa é um salão onde todos se reúnem e convivem.

"porta" + "escadas"

móveis
- 3.1 cama
- 3.2 cómoda + espelho
- 3.3 mesinha de cabeceira
- 3.4 roupeiro
- 3.5 papel de parede
- 3.6 duplo cortinado
- 3.7 janela



3 > os QUARTOS
núcleo íntimo

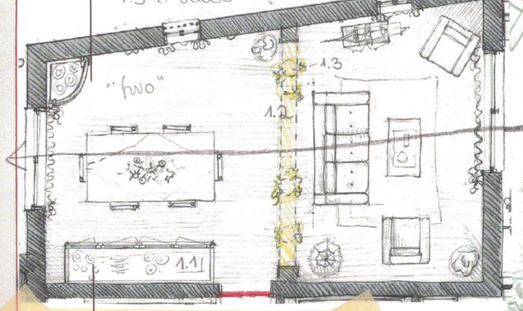
cada quarto possui uma decoração / identidade / cor própria. Correspondem ao núcleo mais íntimo e menos acessível da casa
A presença do papel de parede, confere-lhe uma "camada" extra que "abraça", e que protege.

"porta"

2 > a SALA
espaço - museu

zona privada (2)

1.1 instalação (representativa do espaço para "ser visto" e não usado
1.2 viga "vegetal" (divide o espaço em zona comer e estar)
1.3 c/ vasos



é o 1º cómodo, quando se faz a entrada cerimonial da casa, usada por ex. Páscoa. É pouco usada, tendo um caracter mais de representatividade, espécie de espaço "museu". Decoração e iluminação austera.

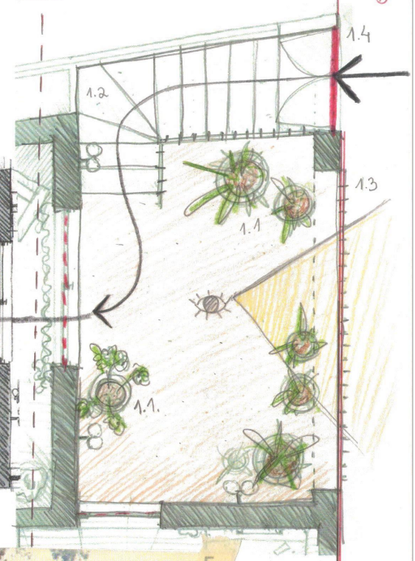
"janela grande"

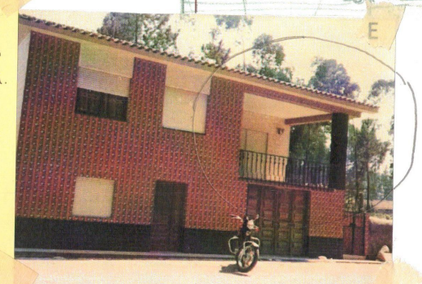
"portão" (0)

DENTRO | FORA

espaço público

zona privada (1)





1 > a VARANDA
entrada cerimonial

1.1 vasos (desejo do jardim perdido)
1.2 escada (subida cerimonial)
1.3 guarda (limite transparente)
1.4 portão (entrada A da casa)

é o espaço que medeia a relação rua principal e casa, antecedida por uma escada "L" e o portão. Permite domínio visual sobre a envolvente.

varanda

A ***varanda*** era pouco usada, mas tinha um importante papel de representação da casa perante a sociedade. Por essa razão, era revestida com um azulejo distinto do presente no restante edifício, encontrava-se ocupada por vasos com as mais variadas orquídeas, e contava ainda com a imagem de uma santa pintada em azulejo, numa parede, representando a devoção religiosa deste lar.

cozinha -salão

A ***cozinha-salão*** tornou-se o lugar central da casa, o seu coração social. Neste espaço, sempre achei curiosa a semelhança que o balcão tinha com os dos cafés e a imponência do saco de chaminé que anunciava os aromas dos pratos que ali se preparavam. Estes elementos, assim como a paleta de cores quentes que pintavam o espaço, tornavam-no convidativo e aqui, a mesa possuía um papel preponderante nesse aspeto [imagem 14]. Já antigamente, este elemento *"era o centro organizador da casa da fazenda, marcando a diferença entre os dias da semana e o domingo, entre os dias de trabalho e os dias festivos."*[10]

janela

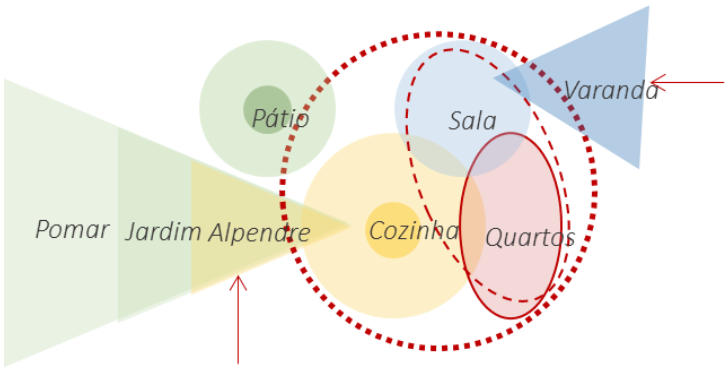
Neste espaço, existia uma ***janela*** virada a norte, que permitia adivinhar quem se aproximava da casa, e que à noite, anunciava a vida no seu interior: "*A luz da janela da casa é uma luz que espera*"[11].

---

[10]PALLASMAA, Juhani, *Identidade, Intimidade e Domicílio*, in *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p.19

[11]BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.219

[14] Mapa de análise dos espaços principais da casa e suas relações e sensações que transmitem (estudo elaborado com base nas memórias do uso dos espaços por ES, 2022)



[15] Esquema representativo da identidade da casa dos avós (montagem de ES, 2022)

1.4. *identidade da casa*

A casa foi concebida para servir de abrigo a uma modesta família e acompanhá-la ao longo da sua vida. Ainda que desprovida de alguns meios ou sofisticações, não deixou de cumprir o seu propósito de servir como lar. Por essa razão, é importante reconhecer as ideias essenciais a reter dela para o futuro, as ideias que se relacionam com a noção do que fora a sua identidade, enquanto casa.

Após o estudo atento sobre as relações entre os seus espaços, descobriram-se algumas lógicas dominantes, sendo uma delas a existência de diferentes níveis de intimidade. Desde o espaço da rua até à zona mais privada da casa, existiam diferentes fronteiras e espaços de transição que ajudavam a moderar o grau de exposição da vida doméstica. Esta hierarquia é uma estratégia que ainda se mantém oportuna nos dias de hoje. A cozinha-salão enquanto espaço central da casa, de maior convivência e reunião, tornou-se bastante caraterística da identidade da casa. Era o espaço mais acolhedor do lar, onde encontrava sempre os avós, e também aquele que mais se enchia de alegria e movimento. O seu valor ia além do funcional, e prendia-se com uma procura por sociabilidade e bem estar.

Contrariamente a isso, algo que perdeu força com o passar do tempo foi a relação entre os espaços interiores e os espaços exteriores da casa. Isto era muito visível entre a cozinha do forno e o pátio da parreira, em que o segundo funcionava quase como uma extensão do primeiro. As sucessivas ampliações da casa vieram suprimir essas relações que em tempos foram mais fortes. Por reconhecer, a mais valia que representava essa relação exterior-interior nas dinâmicas do lar, é que considero fundamental fomentá-la no futuro.

1.5. memória e herança

Após analisar a sua evolução, torna-se evidente que existiram caraterísticas arquitetónicas que se perderam na casa. O desaparecimento de alguns espaços, como o pomar e o pátio da parreira e a redução da qualidade de outros, foram fatores que prejudicaram algumas qualidades que a casa possuía. Contudo, apesar da sua transformação ao longo do tempo não ter resultado tão bem, ela levante questões importantes. Há um encanto que prevalece independentemente de tudo isso.

> *"Podíamos outrora achar a água-furtada pequena demais, fria no inverno, quente no verão. Mas agora, na lembrança reencontrada pelo devaneio, não se sabe por que sincretismo, a água-furtada é pequena e grande, quente e fresca, sempre reconfortante."* [12]

A casa do avô foi-se perdendo um pouco nos últimos anos, e talvez por isso, e pelo apego que lhe tenho, devido aos momentos que nela vivi, sinto esta urgência em recordá-la, em vivê-la novamente. Consigo bem perceber, agora ainda mais com os conhecimentos e as ferramentas que o curso me deu, os inúmeros problemas que teve, as inconsistências e os exageros. Ainda assim, há lições que posso retirar dela e levar comigo para o futuro.

De facto, não era a casa mais bonita, mas nela existiam espaços que me emocionavam. Estes espaços que marcaram a minha infância, transporto-os comigo e procuro recriá-los nas casas por onde passar. Como Bachelard fala, nessa casa, pela lembrança tudo permanecerá para sempre reconfortante.

---

[12] BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.204



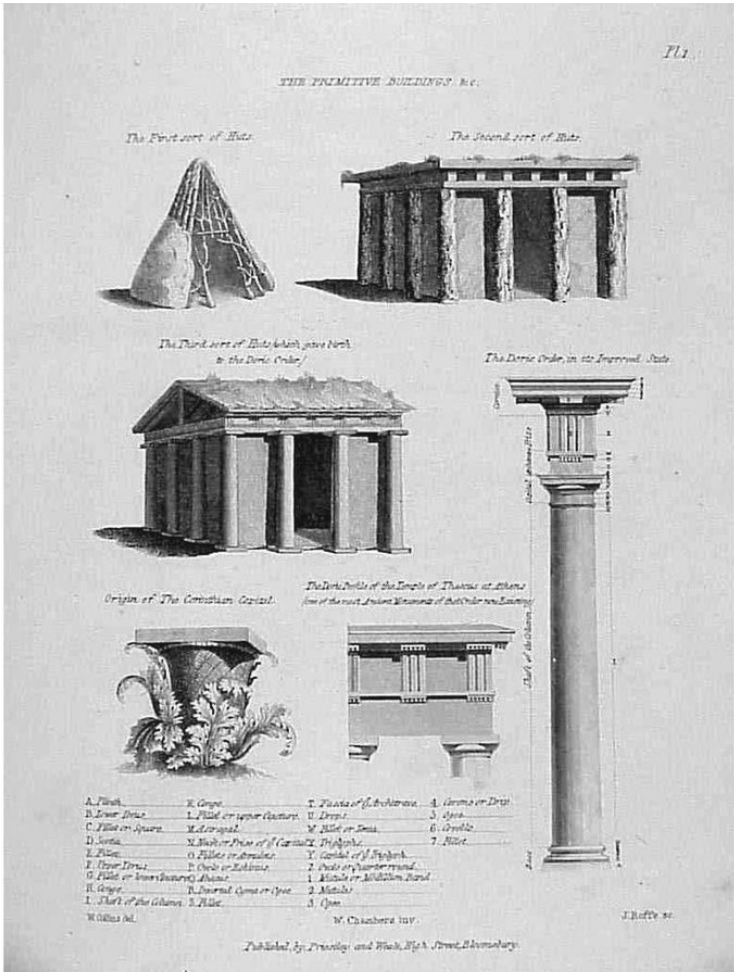
| *Vista sobre a fachada principal da casa em 1987* (foto do arquivo de família)



| *Vista sobre o espaço social da Vill'Alcina, em Caminha, Sergio Fernandez, 1971-74* (foto de ES, Março de 2022)

2. Casas oníricas

componentes do lar



[16] Cabanas primitivas (William Chambers, publicado em *A Teatrise on Civil Architecture*, 1759)

2.1. *significado do lar*

"O primeiro sinal de assentamento humano e descanso após a caça, a batalha e a peregrinação no deserto é (…) o estabelecimento da lareira. Ao seu redor agruparam-se os outros três elementos: a cobertura, o recinto e a elevação, as negações protetoras ou defensoras da chama da lareira contra os três elementos hostis da natureza."[13]

Em 1851, as palavras de Gottfried Semper descreviam a génese da arquitetura, e mais especificamente a origem da cabana primitiva. Foram vários os arquitetos e tratadistas que tal como ele, refletiram e escreveram sobre o tema, entre eles, Vitrúvio, Marc-Antoine Laugier ou William Chambers [imagem 16]. Segundo as suas palavras, a cabana primitiva possuiu antes de tudo, a função de proteger o fogo e consecutivamente, os afazeres domésticos que se desenrolaram à sua volta, das intempéries do mundo selvagem lá fora.

Assim nasceu a casa, como o abrigo para um território pessoal composto por hábitos e costumes, que todos os homens foram construindo inconscientemente, porque *"O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. (…) por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão do seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental."*[14] Já Pallasmaa falava sobre a construção desse território pessoal, da conceção de um lar como algo que *"é mais próxima da vida propriamente dita do que o artefacto da casa."*[15] E desse modo, vamos percebendo que a casa desempenha um papel no sentido de acolher toda essa complexidade, como o seu invólucro.

---

[13]tradução livre de "*The first sign of human settlement and rest after the hunt, the battle, and wandering in the desert is (…) the setting up of the fireplace. Around it were grouped the three other elements: the roof, the enclosure, and the mound, the protecting negations or defenders of the hearth's flame against the three hostile elements of nature ",* SEMPER, Gottfried, *The four elements*, in *The four elements of architecture and other writings*, Cambridge, University Press, 2010, p.102

[14]PALLASMAA, Juhani, *Habitar no Espaço e no Tempo*, in *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p.7

[15]PALLASMAA, Juhani, *Identidade, Intimidade e Domicílio*, in *Habitar*, ibid, p.12





[17] Cabana de Heidegger em Todtnauberg, 1968 (https://www.researchgate.net/figure/Heideggers-hut-in-Todtnauberg)

[18] Heidegger e a sua mulher Elfride na cozinha da cabana, em Todtnauberg, 1968 (Adam Sharr, *La cabana de Heidegger: Un espacio para pensar*, 2008, p.35)

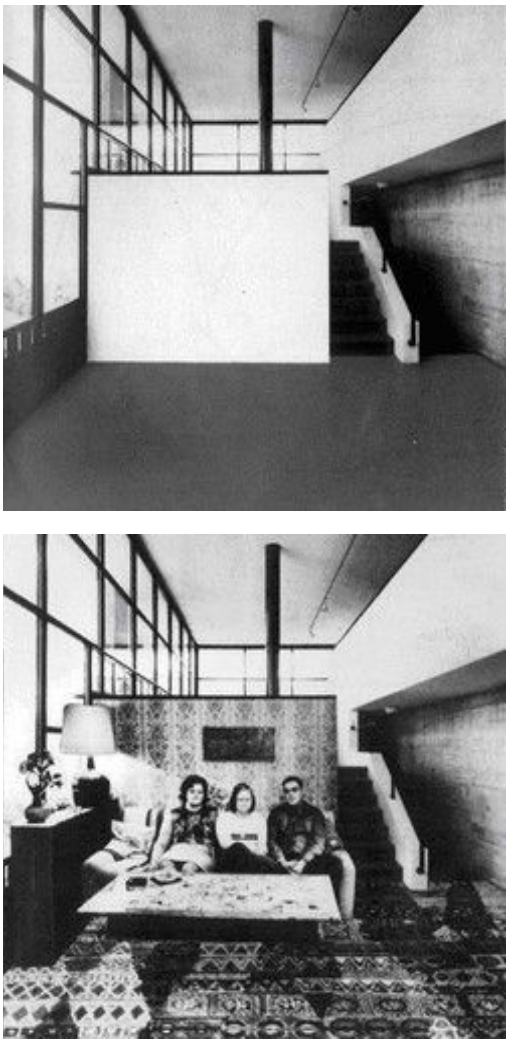
Para se compreender melhor essa dimensão imaterial que acolhe, observemos a cabana de Heidegger. Esta destinava-se a servir como sua segunda residência e seu retiro de trabalho em Todtnauberg, na Floresta Negra, um cenário paisagístico que o inspirava [imagem 17], algo que era sabido por muitos: "*Heidegger considerava a cabana pequena e elementar. Para ele, tinha uma uma simplicidade retumbante. A cabana tal como estava situada no vale, era seu "mundo de trabalho" ."*[16]

Sobre a autoria do edifício em si, sabe-se muito pouco e até se questiona se o próprio filósofo terá estado envolvido no seu desenho. Sabe-se apenas que fizera uso de mão de obra local e que a sua mulher supervisionara a sua construção. De estrutura simples e concebida em madeira, a cabana implantou-se de forma a tirar o máximo proveito da luz solar. Além disso, a sua organização interior e a disposição do mobiliário foram pensados, tendo em conta as necessidades de Heidegger e de sua família [imagem 18]. Com um gesto de alguma simplicidade, sem recorrer a muitos artifícios, desenhou-se uma cabana capaz de acolher a dimensão de lar que os seus moradores desejavam. Mais do que o seu estado inicial, importava a capacidade de acolhimento e adaptação que a cabana teria posteriormente para os hábitos e gostos dos seus habitantes. Heidegger escreveu várias vezes sobre a qualidade de vida que a cabana lhe proporcionava: *"Vou para a cabana e fico muito feliz com o ar forte das montanhas; (…) Vou dedicar oito dias ao trabalho com a lenha e depois volto a escrever. (…), na cabana rangem as vigas, a vida é pura, simples e grande diante da alma…."*[17]

---

[16] tradução livre de "*Heidegger consideraba la cabaña pequeña y elemental. Para él, tenía una sencillez clamorosa. La cabaña, tal como estaba situada en el valle, era su "mundo de trabajo.",* SHARR, Adam, *La cabana de Heidegger: Un espacio para pensar*, Barcelona, Gustavo Gilli, 2008, p.67

[17] tradução livre de *"Me voy a la cabaña, y me alegro mucho del aire fuerte de las montañas; (…) Dedicaré ocho días a trabajos com la leña, y luego escribiré de nuevo (…) en la cabana chirrían las vigas, la vida está pura, simple y grande ante el alma…",* ibid, p.65



[19] Comparação entre o interior da sala da Casa Bianchetti, de Luigi Snozzi, desocupado (em cima) e ocupado (em baixo) - fotomontagem realizada no 1ºcurso de Sociologia do professor Jean Pierre, EHT-Zúrich, 1990 (Xavier Monteys, *Casa Collage; Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, 2001, p. 15)

A casa deverá funcionar como o cenário íntimo da vida do seu habitante. Uma casa que não tenha o intuito de cumprir esse propósito, tem a sua existência vazia de sentido. Debruçando-nos sobre um exemplo, quando olhamos para a fotomontagem *La Casa Ocupada*, o mesmo espaço da *Casa Bianchetti*, de Luigi Snozzi é-nos apresentado em duas situações distintas: numa completamente vazio, apenas com os elementos desenhados pelo arquiteto, e noutra ocupado por uma cena banal do quotidiano, com pessoas, móveis e objetos [imagem 19]. Algo que esta comparação evidencia é precisamente o facto de que a arquitetura e neste caso a casa, funciona como um fundo para a vida da pessoas. *"Uma casa é uma habitação mais as pessoas que a habitam e os objetos que guarda."*[18] A sua essência completa-se quando nela se constrói um lar, pelas mãos do seu habitante, à semelhança do que sucedeu na cabana de Heidegger.

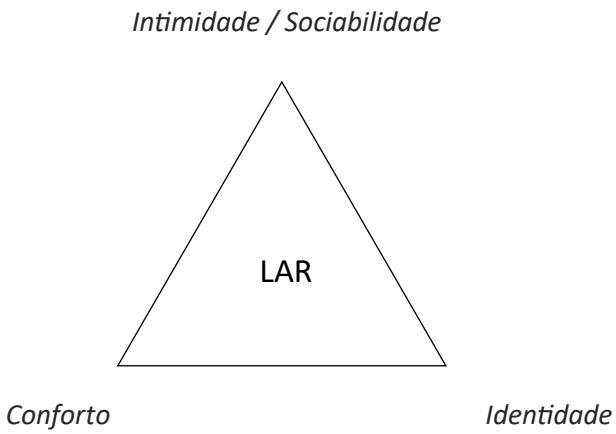
Dissociar uma casa da presença de pessoas, e mais precisamente das que nela estarão destinadas a habitar, é apagar o sentido da sua existência enquanto recetora de um lar. Já Bruno Taut dizia em 1927: *" é irrelevante o aspeto da arquitetura sem gente, o que importa é o aspeto da gente nela"*[19]. Acontece que por vezes, segundo Pallasmaa, os arquitetos se esquecem disso. Para si, muitas vezes os arquitetos interpretam o lar como, *"simplesmente uma residência estetizada e funcional"* e negligenciam *"os significados existenciais pré-conscientes do ato de morar."*[20] Os arquitetos reúnem a sabedoria e as ferramentas necessárias para construir as casas com maior capacidade de acolher lares e por essa razão, conscientes disso devem usá-las sabiamente.

---

[18]tradução livre de "*una casa es una vivienda más la gente que la habita y los objetos que guarda",* MONTEYS, Xavier, (et al), *Casa Collage; Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Barcelona, Gustavo Gili, 2001, p. 14

[19]TAUT, Bruno: *Una casa di abitazione, A* cargo de Gian Domenico Salotti, Collana ricerche di tecnologias dell'architettura", Francoangeli, Milán, 1991, p.30

[20]PALLASMAA, Juhani, *Habitar no Espaço e no Tempo*, ibid., p.8



[20] Esquema dos componentes que favorecem a conceção de um lar (desenho de ES, 2022)

2.2. *componentes do lar*

Após uma reflexão sobre a ideia de lar, e a consciência de que o arquiteto não é o seu criador, mas pode desempenhar um papel determinante em seu favor, importa perceber os fatores que contribuem para a sua existência. No âmbito da sua ação, o arquiteto deve saber como tornar uma casa num melhor suporte de vida. A série de entrevistas realizadas em 2016, publicada na coleção *A casa de quem faz as Casas*[21], permitiu tirar algumas conclusões:

conforto

O fator mais evidente para melhorar uma casa no sentido de acolher um lar é o conforto. Quando Adalberto Dias partilha a sua experiência: *"Se estou abrigado, quente e alimentado, com família e amigos, eu tenho tudo o que é importante para ter este equilíbrio."*[22], reconhece o conforto como uma condição imprescindível para o seu bem-estar. É consensual que uma casa que reúna boas condições de conforto, poderá acolher melhor o sentido de lar. Outro fator importante é mencionado por Álvaro Siza: *"Uma casa é muito, desde sempre, o abrigo, o encontro com os seus, também a base para a actividade social que qualquer família tem, há esta dualidade. Tem um aspecto de intimidade e um aspecto de vida social, de recepção (…)."*[23] Somos seres sociais por natureza, ao mesmo tempo precisamos de preservar a nossa individualidade, por isso, uma casa deve promover momentos tanto de sociabilidade, como de intimidade. Por fim, o homem possui a necessidade inata de preservar a sua identidade e para isso, vai colecionando ao longo da sua vida objetos ligados a memórias. Souto Moura fala: *"(…) quando chego a casa e encontro as pessoas de quem eu preciso e os objetos que me são úteis e que me trazem memórias, sinto-me seguro. Isto dá-me conforto, fico bem."*[24] Uma casa capaz de receber esse território pessoal, é uma casa com a flexibilidade que a vida requer.

intimidade

sociabilidade

identidade

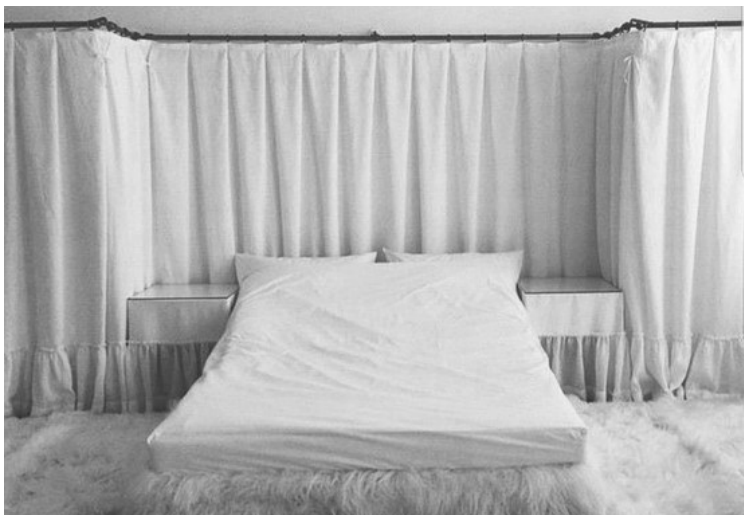
---

[21]Maria Milano (et al), coleção *A Casa de Quem Faz as Casas*, Cardume Editores, 2016, 13 volumes

[22]DIAS, Adalberto, [entrevista c.] Maria Milano, *Adalberto Dias*, *A Procura do Paraíso*, Vol 1, ibid, p.40

[23]SIZA, Álvaro, [entrevista c.] Maria Milano, *Álvaro Siza, Dar Forma a um Lugar*, Vol 13, ibid, p.35

[24]MOURA, Eduardo Souto de, [entrevista c.] Maria Milano, *Eduardo Souto de Moura, Gosto de Chegar a Casa*, Vol 4 , ibid, p.44





[21] Quarto de Lina Loos, em Viena, Adolf Loos, 1903 (https://arquitecturaviva.com/articles/private-spaces

[22] Alcova da Casa Khuner, em Kreuzberg, Adolf Loos, 1930 (Xavier Monteys, *Casa Collage; Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, 2001, p.61)

2.2.1. *conforto*

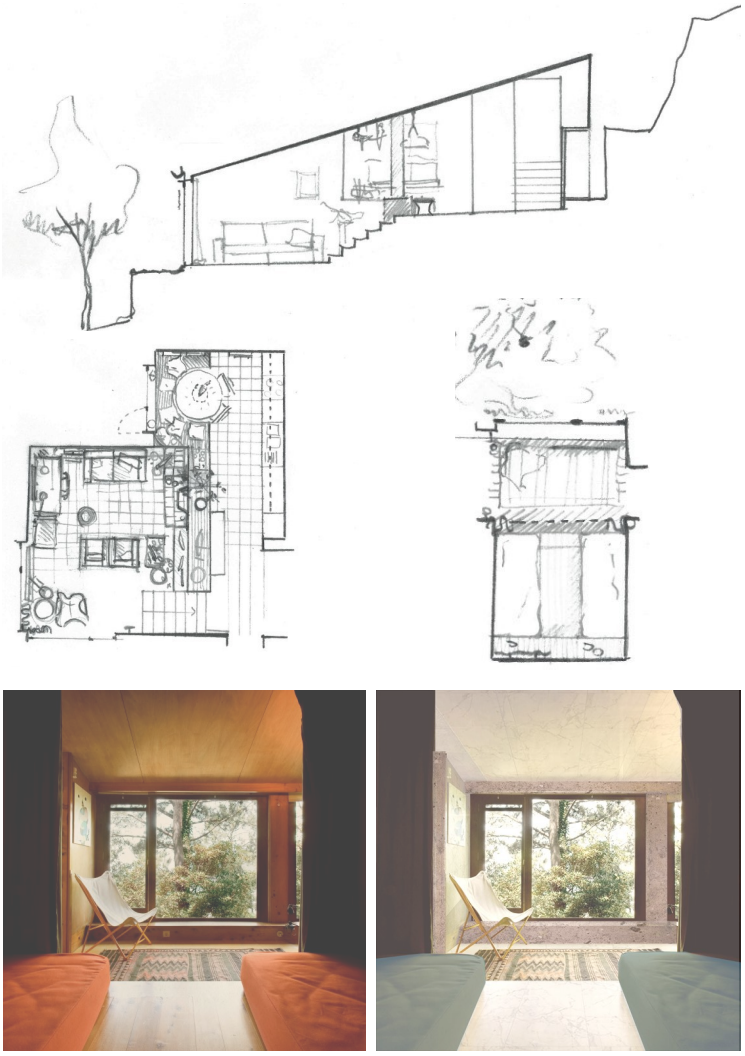
"(…) cada indivíduo é "natural" de um útero. Isto significará que o ser humano é "natural", provém, de um lugar que se supõe ou imagina confortável, acolhedor, seguro e nosso. (…) Este lugar, ou a ideia deste lugar, é um arquétipo do habitar que talvez seja perseguido ao longo da vida e, portanto, ao longo da vasta experiência do habitar."[25] Desde crianças, que procuramos instintivamente esse estado de conforto primário, em espaços nos quais nos sintamos verdadeiramente acolhidos e seguros, como na nossa casa, onde idealmente isso é privilegiado.

O conforto é atingido facilmente pela conjugação de diversos fatores. O *quarto de Lina Loos* é-nos visualmente confortável pelo seu revestimento têxtil, naturalmente associado à suavidade [imagem 21]. A madeira é o material rígido predileto quando se pretende criar espaços acolhedores. Além dos materiais, existem outras estratégias para atingir conforto e o arquiteto Graça Dias fala de algumas: *"O conforto (e falando de conforto doméstico) viverá muito de uma espacialidade que não nos agrida, sobretudo pela escala. Uma escala apropriada, entradas de luz natural que consigamos controlar e que possam criar várias nuances e vários ambientes (…)."*[26] A escala quanto mais próxima do homem, melhor se adapta aos seus movimentos, como é visível na alcova da *casa Khuner* [imagem 22]. Um bom aproveitamento de luz natural influencia positivamente a qualidade dos espaços e otimiza a regulação da sua temperatura. Por vezes, o desenho de uma peça específica de mobiliário também pode ter um efeito determinante num espaço, como é exemplo a mesa de refeições que Sergio Fernandez desenha na *Vill'Alcina*.

---

[25] tradução livre de *"(…) cada individuo es "natural" de un útero. Esto significará que el ser humano es "natural", proviene, de un lugar que se supone o imagina confortable, acogedor, seguro y nuestro. (…) Este lugar, o la idea de este lugar, es um arquitetipo del habitar que quizás se persigue a lo largo de la vida y así a lo largo de la vasta experiencia de habitar."*, SILVA, Ana Sofia Pereira da, *La intimidad de la casa-el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Buenos Aires, Diseño, 2015, p.34

[26] DIAS, Manuel Graça, [entrevista concedida a] Maria Milano, Manuel Graça Dias, *Uma Colecção de Surpresas*, Volume 6, Coleção A Casa de Quem Faz as Casas, Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p.21



[23] Corte da *Vill'Alcina*: relação entre topografia e cobertura (desenho de ES, 2022)

[24] Planta da zona social da *Vill'Alcina* e planta da relação da alcova com a galeria e a paisagem (desenho de ES, 2022)

[25] Comparação entre a situação existente da zona de alcovas forrada a madeira, e uma situação imaginada onde tudo seria estucado (montagem de ES, 2022)

A Vill'Alcina projetada em 1970 pelo arquiteto Sergio Fernandez no Verão possui um caráter de refúgio que acolhe, que é inegável na paisagem em que se insere. A casa não se impôs ao lugar. As suas paredes tomadas pela vegetação são denunciadas apenas pela existência das portadas vermelho-vivo. Por outro lado, a cobertura inclinada reproduz a topografia existente e o seu reflexo no teto interior, faz convergir os espaços em direção à paisagem [imagem 23]. Sergio Fernandez reconhece que esta opção permitiu aproximar-se melhor da escala humana: *"Poderia ter feito uma cobertura plana, mas senti necessidade de aproximar-me da minha medida, de fechar e de limitar este espaço."*[27]

No interior da casa, o piso desdobra-se em vários níveis para dar lugar aos diferentes espaços da casa, adaptando-se às necessidades de uso de cada um. A zona de alcovas por ter uma escala reduzida transforma-se no espaço mais aconchegante. É curioso, contudo, que basta abrir a cortina que a encerra, e consequentemente a portada da casa, para o seu limite ser a imensidão da paisagem [imagem 24]. O seu revestimento completo em madeira, do piso, das paredes e do teto também ajuda a garantir a sensação de conforto. Se as alcovas fossem estucadas a branco, efetivamente a sensação não seria a mesma [imagem 25].

A presença de mobiliário fixo desenhado pelo arquiteto em alguns pontos estratégicos, reforçou o efeito acolhedor da escala na casa. Na cozinha, a parede que integra a lareira, ganha espessura para um banco que envolve a mesa redonda de refeições. Na galeria de acesso às alcovas e na zona de entrada na casa existem ainda outros móveis integrados nas paredes que facilitam os usos dos espaços.

---

[27]FERNANDEZ, Sergio, [entrevista concedida a] Maria Milano, Sergio Fernandez, *Um Espaço de Liberdade*, Volume 5, Coleção *A Casa de Quem Faz as Casas,* Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p.27



[26] Vista a partir da sala acolhedora sobre o exterior, num dia chuvoso , em Caminha, Vill'Alcina, Sergio Fernandez, 1971-74 (foto de ES, Março de 2022)

Apesar de não ter sido a sua vontade inicial, Sergio Fernandez não conseguiu escapar à inevitabilidade de ir ocupando a casa com diversos objetos das suas viagens e memórias. Como o próprio admitiu: *"Estava cansado de ter uma casa cheia de tudo; queria libertar-me e não ter nada. Evidentemente, não é possível. Também esta foi ficando cada vez mais cheia. É confortável."*[28] Efetivamente, colecionar objetos com história e dispô-los ao longo dos espaços da casa, humaniza esses espaços e torna-os mais acolhedores.

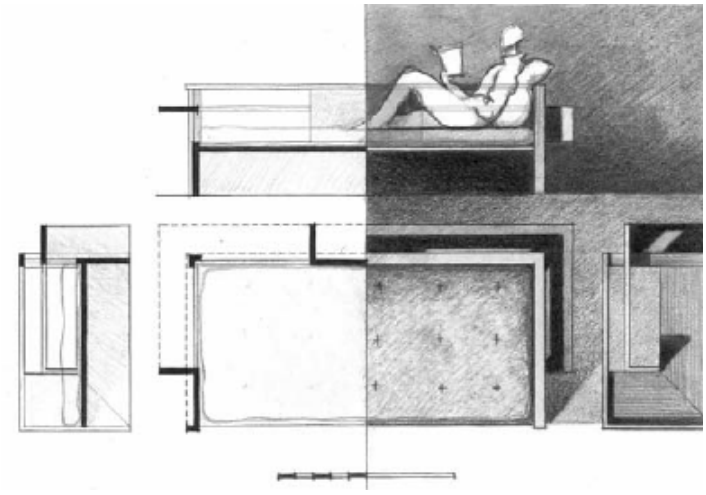
Com o tempo, a casa de férias passou a ser mais usada nos dias de Inverno, já que nestes dias, o contraste entre o exterior agreste e o conforto do interior proporcionava a Sergio Fernandez momentos mais propícios para a reflexão. Bachelard falava sobre este fenómeno em que *"Tudo se ativa quando as contradições se acumulam."*[29] De facto, tendo visitado a Vill'Alcina num dia de sol, e num dia chuvoso [imagem 26] pude experienciar que a sua condição de abrigo se acentua nos dias frios. A colocação da lareira ao centro da zona social, permitia aquecer toda a casa nesses dias.

A Vill'Alcina reúne um conjunto de caraterísticas fundamentais do conforto para acolher um lar. Além disso, é um caso exemplar dado que o seu arquiteto foi simultaneamente o seu destinatário final. Representa por isso, um caso bem sucedido da arquitetura onde a transição entre o projeto inicial da casa e a posterior conceção de um lar desenvolveu-se com bastante naturalidade.

---

[28] Op. cit., p.27

[29] BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.223





[27] Desenhos do projeto do sofá-cama dos Schindler destinado à mulher S.P. Gibling (Aníbal Parodi, *Puertas Adentro: interioridad y espacio doméstico en el s. xx,* 2005, p. 63)

[28] Foto do Dia da Ação de Graças na *Casa Schindler*, 1924 (https://www.averyreview.com/issues/33/modern-lives-modern)

2.2.2. *intimidade e sociabilidade*

"Uma casa é muito, desde sempre, o abrigo, o encontro com os seus, também a base para a actividade social que qualquer família tem, há esta dualidade. Tem um aspecto de intimidade e um aspecto de vida social, de recepção (...)."[30] Relembrando novamente as palavras de Siza, uma casa deve ser simultaneamente um abrigo do mundo, e potenciar em certos momentos o encontro e a sociabilidade. A dualidade entre intimidade e sociabilidade deve ser assegurada.

Uma casa é antes de tudo um abrigo porque oferece proteção a alguém e lhe permite manter uma certa intimidade. O espaço íntimo nasce da necessidade que o indivíduo sente, por vezes, em isolar-se e usufruir de um espaço próprio onde possa existir sem pudor, de encontro consigo próprio. Contudo, como a professora Ana Sofia Silva explica, a intimidade existe "*porque existem outros e mundo*"[31], portanto, a sociabilidade é tão necessária quanto a intimidade e ambas reforçam-se mutuamente. A casa Schindler é representativa da consciência desse facto.

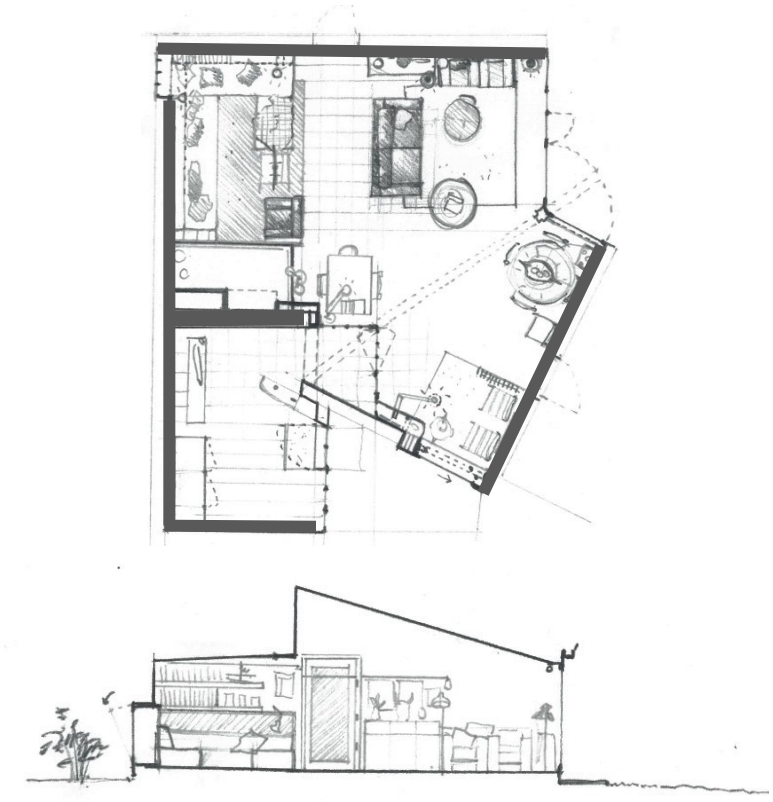
Quando foi construída em 1922 para dois casais amigos, tinha o intuito de assegurar tanto espaços de convivência, como espaços individuais suficientes para todos os habitantes da casa. Rudolph Schindler interpretava a família moderna como *"um grupo de indivíduos independentes com objetivos comuns"*[32] *e* a seu ver, em circunstâncias ideais, todas as casas deveriam assegurar no mínimo um espaço individual para cada um dos seus habitantes, a par de outros destinados ao convívio.

---

[30]SIZA, Álvaro, [entrevista concedida a] Maria Milano, Álvaro Siza, *Dar Forma a um Lugar*, Volume 13, Coleção A Casa de Quem Faz as Casas, Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p.35

[31]tradução livre de *"porque existen otros y mundo.",* SILVA, Ana Sofia Pereira da, *La intimidad de la casa-el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Buenos Aires, Diseño, 2015, p.216

[32]tradução livre de *"un grupo de indivíduos independientes com objetivos comunes.",* PARODI, Aníbal, *Puertas Adentro: Interioridad y espacio doméstico en el si. XX*, Barcelona, Universidade Politécnica da Catalunha, 2005, p.65







[29] Planta e corte transversal da zona social da Casa Alves Costa: ocupação e delimitação do espaço (desenho de ES, 2022)

[30] Zona de estar mais recolhida da sala e zona de estar mais ampla e a diferente relação com o exterior (foto de Inês D'Orey, Maria Milano, *Alexandre Alves Costa, Os Verdes Anos, A Casa de Quem faz as Casas*, 2016, p. 63)

A Casa Alves Costa foi projetada como casa de férias por Álvaro Siza nos anos 60, numa época em que Moledo era um destino de férias bastante procurado. A sua implantação não se enquadrou no *Plano de Urbanização* de Moledo, porque isso implicaria alterar a topografia existente, algo que Siza não desejava. Deste modo, a casa adotou a forma de "L", posicionando-se na cota mais baixa do terreno e libertando o pinhal no restante. Ao invés de se mostrar à rua, a casa ficou de costas para ela, adotando uma posição introvertida. Esta opção, permitiu conservar uma certa intimidade no seu interior, como se se tratasse de "u*m mundo dentro do mundo".*[33]

O programa da casa distribuiu-se em três zonas distintas: a dos quartos numa ponta, a de serviços na outra, e a sala, juntamente com a entrada, a meio. A partir da rua, a entrada na casa era denunciada por um pódio em cimento. Além disso, existia apenas uma pequena janela na sala que se virava para a rua. De resto, os quartos e a sala abriam-se para o pinhal interior. O teto inclinado da sala acentuava essa relação entre o interior e o exterior [imagem 29]. Alexandre Alves Costa conta a propósito da sala :*"No Verão, quando se abre isto tudo, os espaços exteriores e interiores formam um conjunto único, não há propriamente uma separação"*[34].

Por outro lado, o resguardo da casa face à rua propicia uma atmosfera de sociabilidade e reunião, que é sentida principalmente na sala. Neste espaço, no sentido de reforçar esse caráter social, a disposição do mobiliário forma três zonas de estar diferentes: a zona de refeições, junto à porta da cozinha, a zona de estar mais ampla virada ao pinhal, e uma zona de estar mais recolhida no lado oposto,

---

[33]COSTA, Alexandre Alves, [entrevista concedida a] Maria Milano, Alexandre Alves Costa, *Os Verdes Anos*, Volume 2, Coleção A Casa de Quem Faz as Casas, Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p. 53
[34]ibid, p.56



[31] Volume da zona dos quartos visto a partir do espaço exterior, Casa Alves Costa, em Moledo, Siza Vieira, 1964 (foto de ES, Março de 2022)

A zona mais acolhedora da sala assemelha-se a uma alcova. Afasta-se do espaço exterior, reduzindo o seu contacto com ele a uma pequena janela. O seu pé direito inferior em relação ao resto da sala e a presença da lareira favorecem a experiência de uma certa intimidade neste espaço, que não acontece em nenhum outro espaço da casa. Curiosamente, este fenómeno ocorre na zona mais propensa à sociabilidade e reunião. O mesmo espaço oferece condições quer para que a intimidade, quer para que a sociabilidade tenha lugar.

De facto, quando se entra na casa e se atravessa o seu labiríntico hall, espaço que parece já pertencer à sala, fica-se com a sensação de que se entrou num mundo diferente: *"(…) independentemente de a casa ser aparentemente encerrada, isolada do mundo, tem, talvez exatactamente por essa razão, uma grande capacidade de socialização. As pessoas estão dentro e sentem-se dentro (…)"*[35]. A relação franca que o interior estabelece com o terreno no exterior, reforça esse sentimento [imagem 31]. Além da cobertura inclinada, a cor bege aplicada nas paredes interiores, contrapondo-se ao branco do exterior, e a presença de todos os objetos colecionados ao longo da vida, tornam a casa recetiva à sociabilidade. Tornam-na naquilo que Alexandre Alves Costa acreditava que uma casa devia ser: [a casa] *"tem de ser, simultaneamente, um acumulador de memória e um espaço de sociabilidade. Tem de permitir a continuação da vida."*[36]

---

[35]Op. Cit., p. 53

[36]Ibid., p.42





[32] Comparação entre a sala da Villa Le Lac apropriada pela mãe de Corbusier (em cima) e vazia após se tornar um museu (em baixo) (respetivamente: https://arxiubak.blogspot.com, https://www.dezeen.com)

2.2.3. *identidade e memória*

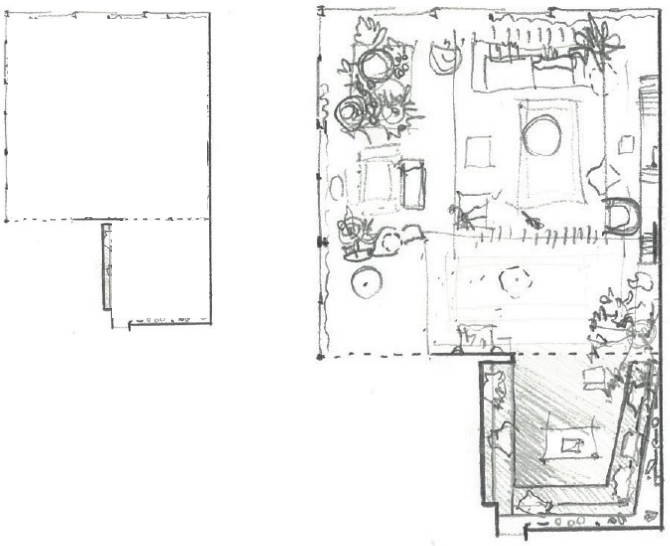
"(...) as fotografias que se penduram, os objetos que se elege expor, as recordações que se adquire nos lugares por onde se passa, os livros lidos (...) todas estas propriedades servem para recordar o vivido, e assim servem de espelho e se apresentam como formas de conexão com o próprio ser, contribuindo para manter cada indivíduo ancorado no mundo".[37]

Numa casa, a presença dos objetos com valor simbólico colecionados ao longo da vida, contribui bastante para o habitante sentir o espaço como seu, pois valida a sua identidade e as suas memórias. À medida que uma casa vai acolhendo esses objetos, vai simultaneamente afirmando a sua condição de lar ao acolher o território pessoal do seu dono, uma apropriação que é única e irrepetível. A *Villa Le Lac* que Corbusier projetou em 1923 para a sua mãe perdeu a sua dimensão de lar assim que foi desocupada e esvaziada de todos os objetos que guardava para se tornar um museu [imagem 32 e 33]. Uma vez vazia, é como se a casa tivesse regressado ao seu estado inicial, novamente à espera de acolher alguém.

O verdadeiro propósito de uma casa é conter um lar, e isso é algo que não se limita ao projeto ou ao seu estado de construção inicial. Uma casa deve estar preparada para ter a flexibilidade para receber o território pessoal de alguém. Ser um projeto em aberto, onde o habitante vai construindo ao longo do tempo, a partir dos seus hábitos e memórias. Cabe ao arquiteto ter a sensibilidade para promover esse acontecimento.

---

[37] tradução livre de: *"(...) las fotografias que se cuelgan, los objetos que se eligen exponer, los recuerdos que se adquieren en los lugares por donde se passa, los libros leídos (...) todas estas propriedades sirven para recordar lo vivido, ya así sirven de espejo y se plantean como formas de conexión con el próprio ser, contribuyendo para mantener cada individuo anclado en el mundo",* Op. cit., p.71





[33] Comparação entre a planta da zona social da Casa Eames vazia e com a apropriação do espaço feita pelo casal (desenhos de ES, 2022)

[34] Interior da Interior da sala, destacando os objetos do uso diário da estrutura edificada (montagem de ES em 2022, sobre foto de https://eamesfoundation.org/house/eames-house/collections/)

A Casa Eames também conhecida como *Case Study 8* é uma obra marcante da arquitetura moderna do século XX, projetada em 1949 pelo casal Eames para acolher a sua vida pessoal e profissional. O objetivo era conseguir uma construção elementar, invadindo o mínimo possível do local onde se insere.

Nesse sentido, foi aproveitado um muro existente no terreno para servir de suporte a uma parede lateral da casa. Esta ficou composta por dois volumes de estrutura modular, um destinado a residência e outro a escritório, ambos com dois pisos. A estrutura feita com elementos pré-fabricados de aço permitiu criar espaços com grande amplitude e a abertura de grandes janelas [imagem 35]. Além disso, a elementaridade estrutural possibilitou uma grande liberdade na forma de apropriação dos espaços da casa, como é exemplo a sala [imagem 34]. Apenas um núcleo fixo de paredes conforma uma zona de estar mais recolhida, no espaço amplo da casa. À sua volta, os habitantes podiam ocupar livremente o espaço com os seus móveis, plantas, livros e objetos decorativos ou com valor simbólico. A arquitetura funciona assim, como o fundo sobre o qual essas peças pousam e são manipuladas diariamente [imagem 36].

Apesar da aparente rigidez que partilha com a arquitetura moderna, esta casa é um bom exemplo de como uma estrutura simples pode potenciar múltiplas formas de apropriação e servir como base para o território pessoal de alguém. A par disso, o uso pontual da madeira, a presença de têxteis, de plantas, que são sinónimo de vida, e a forma como a luz natural pode participar na casa, tornam-na bastante flexível e recetiva à vida.



[35] O casal Eames disfrutando a sua sala, rodeado dos seus objetos, Casa Eames, em Los Angeles, Casal Eames, 1949 (https:/blog.essenciamoveis.com.br/simplesmente-a-casa-dos-eames/)

Em termos de inserção no local, o objetivo também foi dar espaço para que a estrutura e os materiais da casa fossem envolvidos pela natureza local, incrementando a vegetação existente. Charles comentou uma vez que *"a textura do teto, as vigas metálicas, a repetição do caixilho padrão, a mudança de transparência para translúcido… tudo isso contribui para a relação arquitetónica da casa com a natureza"*[38]. Esta relação de proximidade entre a casa e a natureza envolvente foi fomentada no interior da casa com a presença de diversas plantas, como o filme *"House after five years living",* lançado em 1955 pelo próprio casal Eames, veio evidenciar.

Nesta casa, vemos tudo aquilo que pertence ao dia-a-dia de um homem comum: objetos úteis, objetos colecionados ao longo de viagens, livros, tapeçarias, entre muitas outras coisas. No final, é uma casa que se adaptou ao território pessoal dos seus habitantes e não o contrário. A casa foi idealizada pelo casal, com o intuito de nela construírem o seu lar. Viveram nela toda a sua vida e mesmo após a sua morte, nunca lhe foi tirada essa dimensão. Inclusive, é muito difícil encontrar fotos da casa vazia, mesmo após a morte dos seus habitantes, precisamente por se reconhecer que todo o seu "recheio" é uma parte imprescindível do que fora a essência, enquanto casa e lar dos Eames.

A arquitetura deve ter este lado humano porque tal como Sergio Fernandez afirmou *"Uma pessoa tem de construir o seu próprio lugar. (…) A arquitectura tem de ser vivida e, se não for para servir este propósito, não tem sentido nenhum."*[39]

---

[38]EAMES, Charles, *Eames Design, p.22,* cit in STEELE, James, *Charles and Ray Eames: Eames House*, in *Twentieth Century Houses*, coleção 3s Architectures, 1ªed., s.l., Phaidon Press Limited, 1999

[39]FERNANDEZ, Sergio, [entrevista concedida a] Maria Milano, Sergio Fernandez, *Um Espaço de Liberdade*, Volume 5, Coleção *A Casa de Quem Faz as Casas,* Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p.27

2.3. lar do arquiteto

O arquiteto tal como todos os homens vive numa casa e procura que esta represente o seu lar ideal. Quando surge a oportunidade de projetar a sua própria casa, a ansiedade toma lugar, porque o desafio se revela no mínimo inquietante. Adalberto Dias acentuando essa ideia, evoca numa entrevista "Lembrava-me também de uma frase do meu pai, também ele arquitecto, que dizia que "o pior exercício para um arquitecto é construir a sua própria casa, as decisões são sempre mais difíceis, porque são nossas e dependem de nós próprios e, no fim, ficamos com a noção de ter podido fazer mais, e melhor." ."[40]

A verdade é que pelo conhecimento e ferramentas que tem à sua disposição, o arquiteto será o seu principal crítico e o mais exigente. Contudo, também é verdade que estando o projeto destinado a si próprio, a liberdade para experimentar ideias novas será maior e há que encarar isso como uma oportunidade única. O arquiteto pode cruzar o seu conhecimento enquanto profissional, com a sua experiência enquanto morador de casas e criar as suas próprias teorias e fazer as suas próprias experiências.

Independentemente da complexidade, foram vários os arquitetos que se debruçaram sobre o desafio de desenhar a sua casa e que conseguiram resultados excecionais. A Casa Muuratsalo de Alvar Aalto, a Casa das Canoas de Niemeyer ou a Casa das Marinhas, um exemplo português de Viana de Lima são ótimos exemplos de residências permanentes ou de férias que representam a procura por uma síntese entre o saber e o viver. Aprende-se imenso quando se estudam as casas que os arquitetos projetaram para si próprios. Com estas casas conseguimos ler mais verdadeiramente as suas inquietações e vontades.

---

[40]DIAS, Adalberto, [entrevista concedida a] Maria Milano, Adalberto Dias, *A Procura do Paraíso*, Volume 1, Volume 13, Coleção *A Casa de Quem Faz as Casas,* Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p. 27



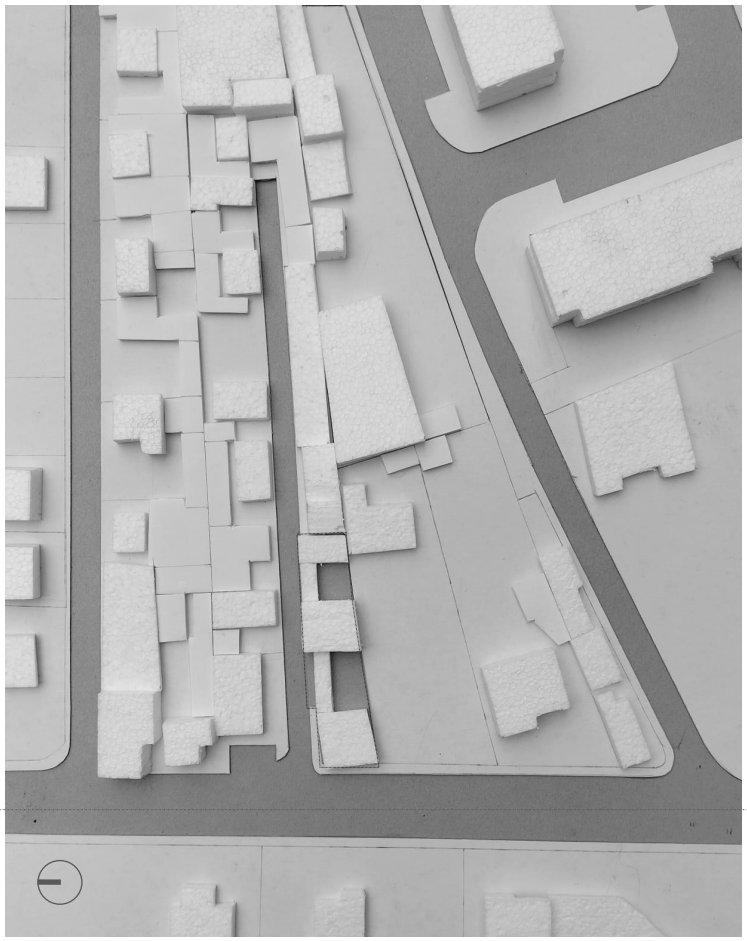
| *Vista sobre o espaço social da Vill'Alcina, em Caminha, Sergio Fernandez, 1971-74* (foto de ES, Março de 2022)



| *Pátio exterior da Casa-Estúdio, México, Barragán, 1947* (https://nataliabencheci.com)

3. Nossa casa

ensaio para um lar





[36] Maquete do contexto da área de intervenção, 1 : 500 (modelo elaborado por ES, 2022)

[37] Montagem e recriação do alçado poente da *rua da Estação* (montagem de ES com fotos tiradas pela mesma, 2020)

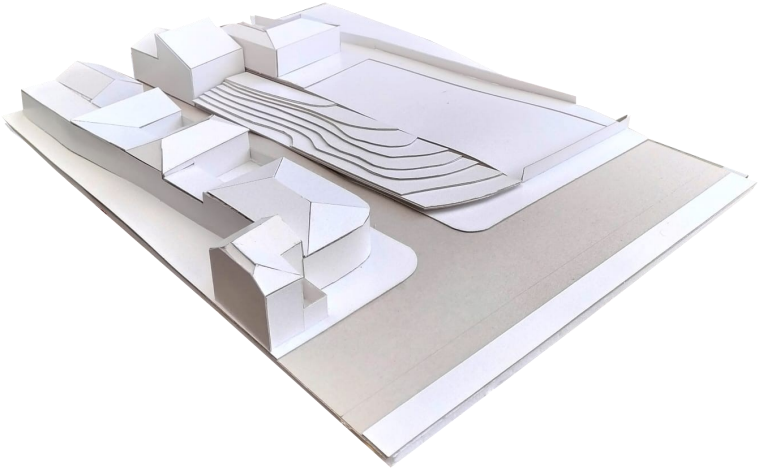
3.1. *lugar e forma*

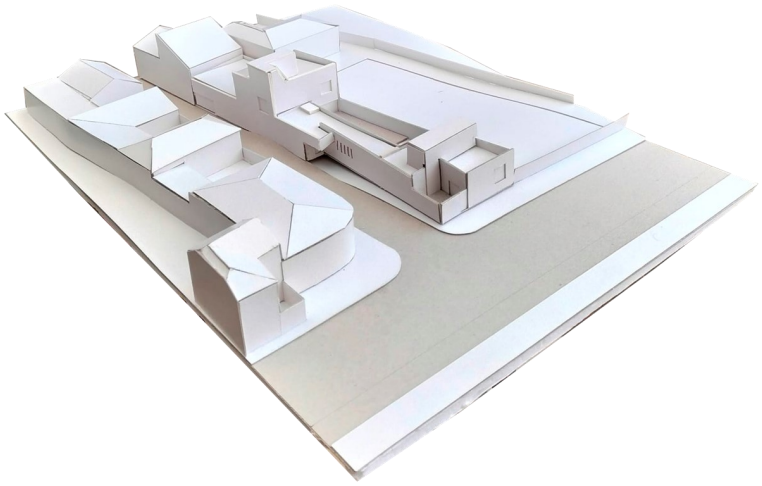
O projeto tem lugar no terreno da casa dos avós, em Rio Meão, e parte do pressuposto de que a casa não existiria atualmente no sítio, permitindo desse modo, desenvolver com maior liberdade um ensaio de projeto de uma casa para nós[41], segundo as nossas crenças e necessidades. Foi determinante encontrar uma solução que melhor se adequasse às circunstâncias do lugar, já que este se caracteriza por uma certa diversidade e complexidade de formas.

Localizada a nascente da rua da *Estação e* simultaneamente com frente para a travessa das *Saibreiras* a norte, a parcela que é objeto de intervenção possui uma posição de gaveto. Além disso, insere-se num tecido urbano marcado por uma heterogeneidade resultante de diferentes épocas de expansão. As construções a norte da parcela foram edificadas nas décadas de 50 e 60 (época da construção da casa dos avós) e constituem maioritariamente casas térreas posicionadas junto à rua, com pátios laterais e anexos [imagem 36]. A sul e a nascente da parcela, as volumetrias variam bastante, assim como o seu próprio enquadramento urbano. Existem desde edifícios de habitação plurifamiliar ou unifamiliar que se afastam em relação à rua, até construções pavilhonares de uso fabril. Tudo isto contribuiu para uma frente nascente da rua da *Estação* bastante marcada pela diversidade volumétrica e construtiva [imagem 37]. O seu lado poente sofreu alterações ao longo dos últimos anos: o pinhal que em tempos dominara a paisagem foi reduzido para dar lugar à construção de algumas casas térreas. Simultaneamente, o perfil da rua foi melhorado com a construção de passeios em ambos os lados e estacionamento.

---

[41] *nós* engloba eu e o Pedro, parceiro de curso e da vida, que participou ativamente na reflexão desta casa, que seria tão minha como dele.





[38] Maquete do terreno, 1 : 200 (modelo elaborado por ES, 2022)

[39] Maquete do terreno com a solução proposta, 1 : 200 (modelo elaborado por ES, 2022)

A diversidade de escalas mantém-se quando se reduz o campo de visão às confrontações diretas do terreno em si, que conta com um total de 486m^2. Na sua extensão de quarenta e sete metros, nunca excede os doze de largura e os seus lados de maior dimensão são orientados a norte e a sul. Uma vez que não interessava abrir a casa a norte, devido à falta de insolação direta e para evitar a sua exposição indesejada para a travessa das *Saibreiras*, adotou-se uma solução em que a casa se fecha em relação à rua e vive numa certa interioridade com pátios virados a sul. Esta opção de casa-pátio enquadra-se formalmente na situação urbana existente a norte, e além disso, potencia a relação da casa com o exterior. A proposta teve por base alinhamentos que se guiaram pelas construções existentes na envolvente, assegurando que essas não perdessem a atual exposição solar.

Assim sendo, a casa apresenta-se como um embasamento, no qual foram escavados dois espaços exteriores. Com esta operação obtiveram-se três focos volumétricos associados a zonas de programa diferentes da casa. No volume junto à rua *da Estação*, propõe-se a colocação do escritório para ter uma maior exposição urbana, enquanto que na parte mais afastada do terreno se posicionaram os restantes volumes com o seu programa principal, assegurando aí uma maior privacidade. Foram criadas duas entradas: uma para o escritório mais formal, feita a partir da rua principal, e outra de acesso mais direto, a partir da travessa. No volume mais alto da proposta, encontra-se o programa social da casa no piso inferior e a parte mais íntima dos quartos, no piso superior. A garagem e a lavandaria foram organizadas num volume de menor dimensão que ajuda a rematar a empena do vizinho, a nascente.







[40] Alçado norte da proposta (desenho de ES, 2022)

[41] Casa Muurastalo, na Finlândia, Alvar Aalto, 1953 (https://www.finnishdesignshop.com e https://brickarchitecture.com)

[42] Casa-estúdio Luis Barragán, no México, Barragán, 1947 (https://www.timeoutmexico.mx/ciudad-de-mexico/arte/casa-estudio-luis-barragan)

3.2. *materialidade*

A pluralidade de materiais, cores e texturas presente nas construções em torno do terreno no qual se insere a proposta, produz um enquadramento urbano dissonante e complexo, com o qual é difícil dialogar. Por essa razão, e no sentido de distanciar a casa dessa complexidade expressiva, optou-se por revestir com uma cor branca as suas paredes de pedra. Desta forma, a materialidade da casa na rua adquiria uma certa abstração.

Por outro lado, nos pátios virados a sul, a atitude foi de maior liberdade e experimentação, uma vez que existia o desejo de explorar neles diferentes ambiências. Esta opção é semelhante à que Alvar Aalto tem na *Casa Muuratsalo* [imagem 41] ao diferenciar o tratamento das paredes viradas para o pinhal, das que se viram para o pátio central, reservando para estas toda a experimentação. Também na proposta da casa que apresento, contrariamente ao que sucede nas paredes do lado da rua, proponho que em alguns pátios se introduzam contrastes de cor e textura. Para esse efeito, recorro pontualmente ao revestimento de paredes com azulejo laranja (cor de alusão à casa dos avós) ou à sua pintura com cores estimulantes que introduzem dinâmicas interessantes nos espaços, à semelhança do que acontece nas obras de Barragán [imagem 42].

De forma a conjugar harmoniosamente com esses materiais, a madeira foi o material escolhido para caixilharias, portas e portões e ainda para revestir em ripado alguns elementos que se destacam volumetricamente na cobertura.



[43] Axonometria truncada da proposta, mostrando a relação dos interiores da casa com os pátios (desenho de ES, 2022)

3.3. *pátios de memórias*

A introdução dos pátios na proposta revelou-se uma estratégia espacialmente interessante para dar resposta às variações de cota presentes nas confrontações do terreno. A propriedade a sul tem um desnível até três metros acima da rua principal e a travessa das *Saibreiras* sofre uma ligeira elevação a meio da parcela a intervir. De forma a dar resposta a isto, a proposta fragmentou-se em diferentes níveis, garantindo por um lado, uma relação de continuidade do escritório e da garagem com o espaço público e por outro, minimizando a discrepância de altura dos pátios face ao terreno a sul, ao elevar o restante programa da casa meio piso.

Neste cenário, os pátios ajudaram a relacionar os desníveis da casa e permitiram simultaneamente explorar diferentes relações espaciais entre os seus interiores e exteriores. São propostos três pátios com uma posição estratégica no conjunto, onde cada um desempenha um papel distinto e fundamental. A poente, encontra-se o pátio de menor dimensão que faz a entrada formal na casa e no escritório. A seguir, surge o pátio do tanque e o pomar associados, que introduzem o distanciamento necessário entre o escritório e o programa mais privado da habitação. Por fim, o pátio da parreira, mais a nascente, funciona como uma sala exterior e ajuda a filtrar a relação da zona social da casa com a garagem.

Além da sua função, os pátios propostos representam oportunidades únicas para reinterpretar espaços e elementos da casa dos avós, e desse modo, todos eles invocam temas do passado, tornando-se por isso, pátios de memórias.







[44] Montagem do pátio do lago (desenho de ES, 2022)

[45 e 46] Pátio e a sua relação com o interior, Casa António Gálvez, no México, Barragán, 1955 (respetivamente: https://www.barragan-foundation.org e https://www.subtilitas.site)

Pátio do lago - *lugar de contemplação*

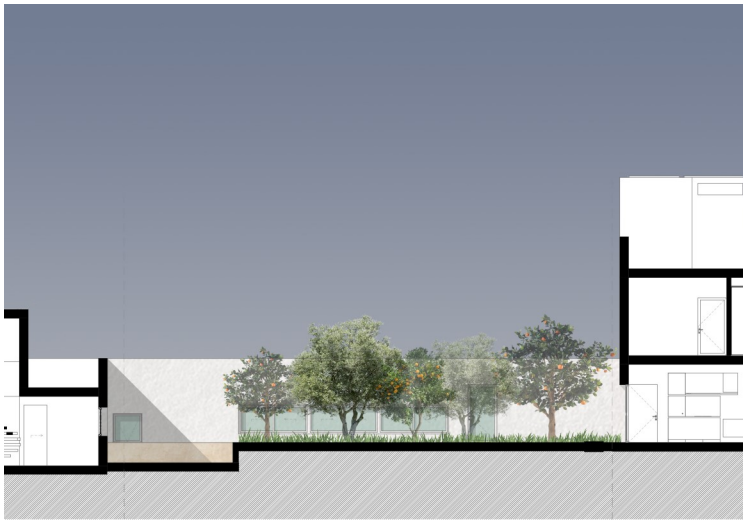
"A sala prolonga-se através da uma grande janela até ao pequeno pátio exterior, quase virtual, que de modo abstracto converte este espaço num lugar de contemplação, (…) enchendo-o de uma suave atmosfera e expressando o conteúdo de toda a casa neste sítio (…)"[42]

As palavras sobre o pátio da *Casa Antonio Gálvez* de Barragán descrevem uma atmosfera espacial semelhante à que se procurou obter neste pátio de entrada [imagem 44]. Localizado no gaveto e orientado a poente, este pátio é o primeiro espaço de receção da casa para quem entra através da rua principal, e é também, o único ponto onde a casa tem alguma representatividade para a rua, assemelhando-se por isso, ao que fora em tempos, a varanda da casa dos avós.

A partir da rua, o pátio é anunciado por duas paredes revestidas com azulejo laranja que ao fim do dia refletem a luz do sol que se põe atrás do pinhal. As suas reduzidas dimensões conferem-lhe uma atmosfera intimista que é acentuada pela presença de um banco de pedra, uma oliveira e um lago circular, um dos elementos recuperados da casa dos avós. Neste pátio, pode-se ouvir o som da água a cair no lago por uma peça de pedra colocada na parede. Todos estes elementos transformam este pátio num espaço idílico e de contemplação, com o qual o escritório estabelece uma forte relação visual, através de uma janela, procurando inspirar e estimular a criação, à semelhança do que Bárragan faz na *Casa António Gálvez* [imagem 46]. O pátio do lago tem uma função que vai muito além do mensurável e que toca o sonho e a memória.

---

[42]FERNÁNDEZ, Antonio Toca (et al), (*Barragán opera completa, 1ªedição, Tanais Arquitetctura, 1992), Barragán obra completa*, 1ªed português, Lisboa, Dinalivro, 2003, p.139





[47] Corte parcial da relação do pátio do tanque e do pomar com os interiores (desenho de ES, 2022)

[48] Pátio com tanque, no convento das Irmãs Capuchinhas restaurado, no México, Barragán, 1952 - 55 (https://www.barragan-foundation.org/)

Pátio do tanque e pomar - entre a razão e o sonho

Na transição entre o escritório e a zona principal da casa, dois espaços exteriores têm lugar: o pátio do tanque e o pomar - um rigidamente desenhado, o outro marcado pela diversidade, ocupado por árvores. Ambos se viram a sul, mas enquanto o primeiro é mais soalheiro e vive na relação direta com o escritório, o outro estende-se até à zona social da casa, com a sua folhagem a servir de fundo a espaços como a biblioteca.

O pátio do tanque, tal como o nome indica possui um tanque, um elemento recuperado do estado mais antigo da casa dos avós que adquire aqui um novo propósito, mais lúdico. Em dias de calor, este espaço serve para refrescar e nos restantes pode funcionar como uma zona de trabalho do escritório no exterior. Ao nível do tanque, existe uma pequena janela que introduz com o reflexo da água, uma luz poética no interior da biblioteca, um jogo semelhante ao que Barragán explorou no pátio do convento das irmãs Capuchinhas [imagem 48].

O pomar das laranjeiras posiciona-se três degraus acima do pátio do tanque, ficando em continuidade com a zona social da casa [imagem 47]. A sua extensão ajuda a filtrar a relação visual entre essa parte da casa e o escritório, preservando alguma privacidade e além disso, promovendo a concentração e a solitude na biblioteca. Procura-se novamente aqui recriar a paisagem do pomar que em tempos existira na casa dos avós.







[49] Montagem do pátio da parreira (desenho de ES, 2022)

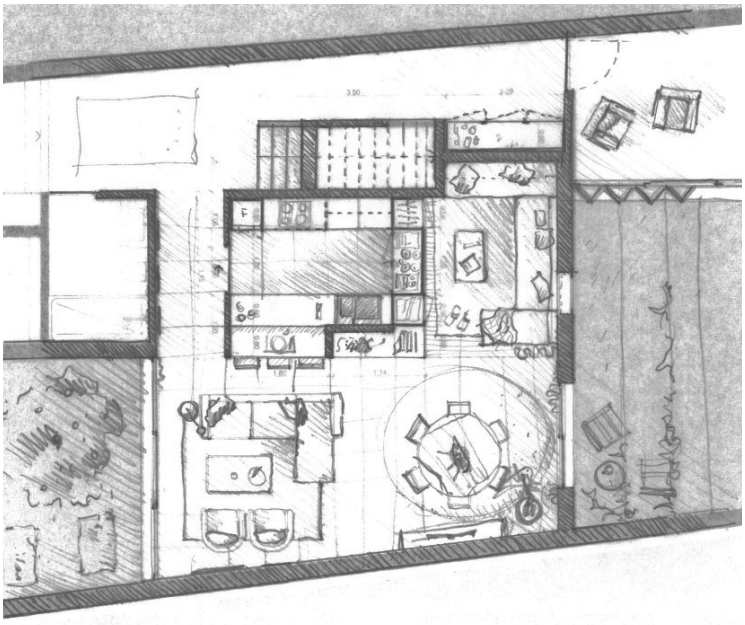
[50 e 51] Pátio e relação que estabelece com sala, Casa-estúdio Luis Barragán, no México, Barragán, 1947 (respetivamente: https://nataliabencheci.com e https://openhousebcn.wordpress.com)

Pátio da parreira - sala exterior

Dentro da parte mais recolhida da casa fica o pátio da parreira, mais uma vez, uma recriação de um antigo pátio dos avós, onde existia uma videira que servia de abrigo aos diversos afazeres domésticos. Se outrora, esse pátio se relacionava praticamente só com o anexo da cozinha do forno, agora aqui apresenta-se como uma sala exterior em torno da qual se organizam vários espaços da casa.

A localização não é coincidente com a que o pátio tivera antigamente. No entanto, é mantida a sua orientação a sul, que introduz o máximo de luz na casa. À medida que a videira for crescendo, este espaço de forma próxima à de um quadrado, ganharia um coberto vegetal para sombrear momentos que tivessem lugar neste espaço exterior. A zona social da casa e o jardim de inverno estão de nível com este pátio, enquanto que a garagem e a lavandaria se posicionam meio piso abaixo, possuindo com ele apenas uma relação visual.

O jardim de inverno, que na verdade se assume como um espaço polivalente, é delimitado por portadas que, quando completamente rebatidas, o tornam num espaço exterior contínuo ao pátio. A zona social da casa estabelece com o pátio dois tipos de relações diferentes: uma, mais contida, limitada a uma pequena abertura, posicionada numa zona de estar recolhida, e outra mais direta e luminosa, por meio de um grande envidraçado que desce até ao chão. Com esta amplitude visual, tenta-se criar na zona social da casa uma atmosfera de relação íntima com o exterior, próxima à que Barragán perseguia em obras suas, como na *Casa-estúdio* de 1947 [imagem 50 e 51].





[52] Planta da zona social da proposta com ocupação do espaço (desenho de ES, 2022)

[53] Vista desde a cozinha sobre o espaço social da casa, em Caminha, Vill'Alcina, Sergio Fernandez, 1971-74 (foto de ES, Março de 2022)

3.4. *sociabilidade e intimidade*

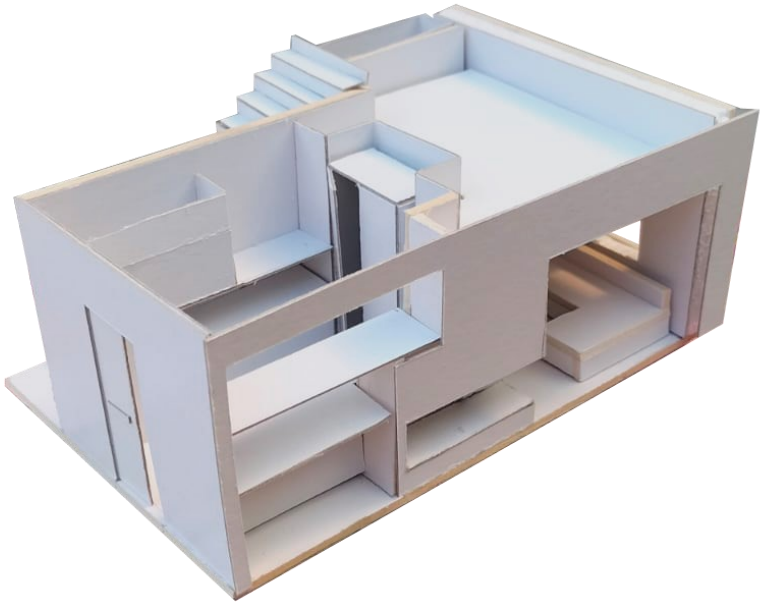
"É uma casa totalmente fechada para o exterior, do lado da rua. Este aspecto contribui para criar uma dimensão de uma casa refúgio, muito reservada e íntima. Mas, ao mesmo tempo, acaba por ser uma casa extremamente aberta à sociabilidade."[43] A propósito da sua casa em Moledo, Alexandre Alves Costa descreve aquilo que considero ser o equilíbrio perfeito entre sociabilidade e intimidade, que uma casa deve estar apta a proporcionar e que procurei com esta atingir.

Era importante que na casa existissem tanto espaços que fomentassem a sociabilidade, como os que garantissem uma certa intimidade, visto serem ambos fundamentais para a formação de um lar. Assim sendo, no espaço social da casa procurou-se criar alguma diversidade espacial fomentando uma apropriação de usos mais livre e dinâmica do espaço, como Siza explorou na *Casa Alves Costa*. Outro aspeto importante foi incluir a cozinha neste espaço, como já acontecia na casa dos avós e como Sergio Fernandez projetou na *Vill'Alcina* [imagem 53].

Deste modo, o que é proposto para o espaço social da casa é a sua divisão em duas partes: uma mais ampla e aberta ao exterior, que contém a zona de estar e a zona de refeições; e outra mais compartimentada e encerrada em si mesma que incorpora a cozinha e uma zona de estar mais recolhida [imagem 52]. Com valências e posições diferentes, estas zonas dialogam todas entre si promovendo ao máximo a sociabilidade no espaço, mas simultaneamente permitindo um usufruto solitário do mesmo, dando igualmente margem para alguma intimidade.

---

[43]COSTA, Alexandre Alves, [entrevista concedida a] Maria Milano, Alexandre Alves Costa, *Os Verdes Anos*, Volume 2, Coleção A *Casa de Quem Faz as Casas*, Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p. 53





[54] Maquete do núcleo que inclui a lareira na zona social, 1 : 50 (modelo elaborado por ES, 2022)

[55] Lareira central, Casa Vieira de Castro, em V. Nova Famalicão, Siza Vieira, 1983 (https://ducciomalagamba.com)

***Lareira** - coração da casa*

No centro do espaço social da casa foi colocada a lareira, de modo a que esta quando acesa, aqueça tudo em seu redor, à semelhança do que Siza faz na *Casa Vieira de Castro* [imagem 55]. Nos dias frios, com o seu calor, a lareira torna-se-á na espécie de "coração" fundamental da casa, como refere Pallasma: *"O significado da lareira, estufa ou fogão à lenha para a sensação de lar é evidente."*[44]

A lareira é colocada sensivelmente a meio do espaço social e torna-se parte do seu núcleo mais fechado, que contém a cozinha e a zona de estar mais recolhida [imagem 54]. É uma peça de pedra com uma zona escavada para o fogo e outra para o armazenamento de lenha. No lado da cozinha, esta peça baixa-se para integrar o balcão onde se podem também fazer refeições. No outro lado, incorpora armários de apoio para a cozinha e para a zona de estar oposta. A sua presença ganha destaque também no exterior, através de uma chaminé claramente marcada na cobertura que incorpora uma claraboia de iluminação da suite no piso superior e outra do quarto de banho.

Além do papel essencial que desempenha para o conforto da casa, a lareira sempre representou, desde o início dos tempos, um forte potenciador de reunião e convívio e por isso, de sociabilidade. Por reconhecer essa sua importância, enquanto pilar que amarra a casa ao sítio e que estrutura o lar que ela contém, é que se procurou exponenciar a sua volumetria e materialidade nas suas várias valências, dando-lhe um lugar de destaque na proposta.

---

[44]PALLASMAA, Juhani, *Identidade, Intimidade e Domicílio*, in *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017, p.18





[56] Esquiço da zona alcova da proposta (desenho de ES, 2022)

[57] Zona de estar recolhida na sala, Casa Alves Costa, em Moledo, Siza Vieira, 1964 (foto de Inês D'Orey, Maria Milano, *Alexandre Alves Costa, Os Verdes Anos, A Casa de Quem faz as Casas*, 2016, p. 63)

Alcova - intimidade e conforto

A zona de estar recolhida é uma alcova e representa um ninho, um canto para se estar mais aconchegado e protegido. Já Bachelard falava sobre a necessidade de *"(…) em sua própria casa, na sala familiar, um sonhador dos refúgios sonha com a cabana, com o ninho, com os cantos em que gostaria de se encolher como um animal em seu buraco."*[45]. Este canto é a materialização dessa necessidade.

Um espaço próprio em torno da lareira, mais limitado e aconchegado, foi materializado em várias obras de arquitetura reconhecidas como a *Casa Alves Costa* do Siza ou a casa dos *Eames*. Em todas elas, foi considerada uma resposta ideal à necessidade de se ter em casa um espaço mais recolhido para se estar. Nesta proposta, este espaço torna-se a garantia de uma certa intimidade na zona social da casa, mas também foi trabalhada noutros espaços como o nicho da biblioteca ou as camaratas de dormir. Aqui, a alcova é materializada de forma a que pudesse ser encerrada por completo com uma cortina como acontece nas alcovas da Vill'Alcina. Com um pé direito inferior e completamente forrado com madeira, este espaço diferencia-se do resto da sala. Além disso, mantém uma relação tímida com o exterior através de uma pequena janela quadrada, que representa uma citação do que Siza desenha na casa de Moledo [imagem 57].

Esta procura pelo sentido de abrigo e conforto deve estar sempre presente quando se projeta um espaço, uma vez que dificilmente se instala um lar na ausência de conforto. As alcovas são espaços onde esse conforto é exponenciado pela proximidade que possuem com a escala do homem.

---

[45]BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998, p.216



[58] Montagem com cenário imaginado da ocupação do espaço social da casa no futuro (desenho de ES, 2022)

3.5. *um espaço para o meu território pessoal*

"A casa ideal existe, mas nunca se chega a alcançá-la. Quando estou a desenhar e estou insatisfeito é porque sei que há uma casa melhor, que não sei bem como é. Mas essa certeza de que há uma casa melhor é o que produz o impulso para desenhar uma casa."[46]

Citando as palavras de Eduardo Souto Moura e fazendo delas as minhas palavras, penso que o desafio de tentar ensaiar a minha casa ideal me permitiu refletir sobre temas mais profundos sobre o habitar. Por vezes, consideramos alguns aspetos fundamentais do espaço como adquiridos e tendemos a negligenciá-los no exercício de projeto, acabando por criar espaços rígidos e pouco recetivos à vida e às pessoas. Uma casa deve antes de tudo oferecer condições de conforto, caso contrário, dificilmente será uma boa base para acolher a vida de alguém.

O conforto de uma casa depende logo de início das opções que o arquiteto toma aquando a sua conceção: a forma como conjuga os materiais, trabalha a luz ou determina a escala dos espaços. Ainda que possa existir algumas ideias consensuais pré concebidas, a definição de conforto dependerá sempre da experiência pessoal e das afinidades do futuro morador da casa. Quando o arquiteto projeta a casa para alguém deve saber que o âmbito da sua ação reside no desenho do recetáculo que irá abrigar os hábitos, os objetos e as crenças de outra pessoa, e que por isso, a casa nunca lhe irá pertencer. Esta será sempre do futuro dono que a irá adaptar ao longo da vida, em função das suas necessidades, e por essa razão, a casa deve ter essa flexibilidade que o seu habitante precisa.

---

[46]MOURA, Eduardo Souto de, [entrevista concedida a] Maria Milano, Eduardo Souto de Moura, *Gosto de Chegar a Casa,* Volume 4, Coleção *A Casa de Quem Faz as Casas*, Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p. 45





[59] Casa Taliesin West, Scottsdale, EUA, Frank Lloys Wright,1937 (https:www.visitmilwaukee.orgpartners/taliesin-preservation-6723/)

[60] Casa de Alexandre Alves Costa, no Bloco Residencial—Pasteleira, talhão E, Porto, de Sergio Fernandez e Pedro Ramalho, 1963 (foto de Inês D'Orey, Maria Milano, *Alexandre Alves Costa, Os Verdes Anos, A Casa de Quem faz as Casas*, 2016, p. 14)

Ao longo da vida, as pessoas adquirem experiências e colecionam objetos que as representam e faz parte da condição humana preservar essa coleção porque a mesma, valida a existência e identidade de cada um. Apenas uma casa minimamente flexível poderá acolher esse território pessoal intimamente relacionado com a condição de lar. Alexandre Alves Costa falava que: *"A casa tem de permitir a liberdade de quem a habita, tem de permitir que se possa pôr um quadro na parede, tem de permitir funcionar sem referências alheias."*.[47]

É ao habitante que cabe o direito de criar as referências, enquanto que o arquiteto tem a função de criar a base adequada para as mesmas. Ainda sobre o limite da ação do arquiteto, na mesma entrevista em que referiu as palavras acima, o arquiteto Alves Costa opinou sobre o facto de achar que Wright condicionava excessivamente a apropriação das casas que desenhava. De facto, quando olhamos para *Talliesin* [imagem 59] tudo parece já estar definido, não deixando espaço para alterações. "*A casa ideal não é nem a de Mies, provavelmente, nem a de Frank Lloyd Wright, é algo entre os dois. Se calhar é esta onde estamos!"*[48] afirma o arquiteto acerca do seu apartamento na *Pasteleira*, reconhecendo o valor de ter podido criar nela as suas próprias referências [imagem 60].

Desenhar uma casa que acolha o território pessoal e o lar de alguém exige uma reflexão sobre as necessidades dessa pessoa à luz das questões fundamentais que foram estudadas: do conforto, da sociabilidade e intimidade e identidade - porque não há regras fixas. Cada pessoa é diferente e cabe ao arquiteto usar o conhecimento que adquiriu sobre esses temas para orientar e perceber os futuros habitantes, de forma a criar a casa que melhor se adeque a eles.

---

[47]COSTA, Alexandre Alves, [entrevista concedida a] Maria Milano, Alexandre Alves Costa, *Os Verdes Anos*, Volume 2, Coleção A *Casa de Quem Faz as Casas*, Cardume Editores, 2016, 13 volumes, p. 39

[48]Ibid, p. 42

Através do exercício de desenhar uma casa para mim coloquei-me simultaneamente na posição de futura arquiteta e criadora do meu lar. A proposta que apresento é resultado de uma reflexão sobre o que considero que neste momento, seria para nós, uma casa ideal; que oferecesse conforto, espaços tanto de sociabilidade como de intimidade e além disso, onde a minha identidade pudesse ter lugar, e todas as memórias que carrego comigo e as que ainda estão por vir.

Estudar a casa dos meus avós com um olhar mais informado ajudou-me a compreender a forma como fiquei vinculada através das minhas memórias a alguns dos seus espaços e elementos arquitetónicos e a descobrir que era importante para mim, recuperar alguns desses espaços. O seu desenho baseado na memória de experiências do passado ajudar-me-ia a validar a minha identidade e tornariam a casa num território mais pessoal porque as memórias boas também contribuem para uma maior sensação de acolhimento, pertença e bem-estar numa casa.

Tenho noção que *"A arquitetura não constrói felicidade, mas ajuda a criar cenários que podem favorecer ou não favorecer o exercício da felicidade(…)"*[49] e por essa razão, considero de enorme importância o contributo que o arquiteto pode dar para melhorar a vida das pessoas, dando condições para que exista um maior número de lares na sua essência.

---

[49] op. cit. ,p. 35



| *Vista sobre o pátio da Casa Gilardi, no México, Barragán, 1976* (https://www.barragan-foundation.org)

fontes bibliográficas

AMARAL, Francisco Keil do (et al), *Arquitectura Popular em Portugal,* 1ªed., Lisboa, Sindicato nacional dos Arquitectos, 1961

BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, 3ªed., São Paulo, Martins Fontes, 1998

CIANCHETTA. Alessandra. Álvaro Siza: casas 1954-2004. Barcelona: Gustavo Gili, 2004

COSTA, Alexandre Alves (et al), *Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez*, coleção *Equações de Arquitectura*, Porto, Dafne, 2008

DUBY, Georges, *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*, vol.5, 1ªed., Porto, Edições Afrontamento, 1990

FERNANDEZ, Sergio, *Percurso da arquitectura portuguesa 1930/1974*, Porto, FAUP Publicações, 1988

GALFETTI, Gustau Gili, *Casas Refugio,* Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002

KOOLHAS, Rem (et al), *Elements of architecture 14: international architecture*, la Biennale di Venezia, Venezia, Marsilio, 2014

LEAL, João, *Etnografias portuguesas (1870-1979): Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000

MATTOSO, José, *História da vida privada em Portugal: a época contemporânea*, vol.4, s.l., Temas & Debates, 2011

MILANO, Maria (et al), ccoleção *A Casa de Quem Faz as Casas*, Cardume Editores, 2016

MONTEYS, Xavier (et al), *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa,* Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002

PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2017

PARODI, Aníbal, *Puertas adentro: interioridade y espacio doméstico en el s. xx,* Barcelona, Escola Técnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, 2005

RAMOS, Rui Jorge Garcia, *A Casa: arquitectura e projecto doméstico, na primeira metade do século XX português*, Porto, Faup publicações, 2010

RUDOFSKY, Bernard, *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*, 3ªed, Albuquerque: University of New Mexico, 1995

SEMPER, Gottfried, *The four elements, in The four elements of architecture and other writings*, Cambridge, University Press, 2010

SANTA-MARIA, Luis Martínez, *El árbol, el caminho, el estanque, ante la casa,* Madrid: Departamento de Proyectos Arquitectónicos, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, 2000

SHARR, Adam, *(Heidegger's hut, The MIT Press, Crambidge, 2006), La cabaña de Heidegger: un espacio para pensar*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2008

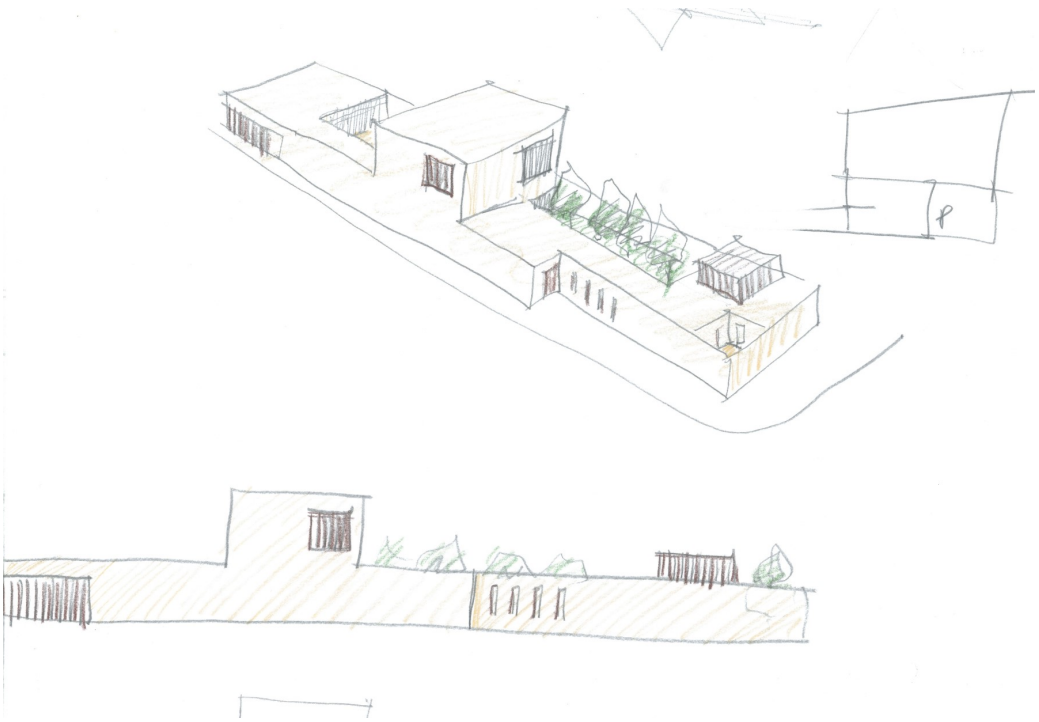
SILVA, Ana Sofia Pereira da, *La intimidad de la casa: el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Buenos Aires, Diseño, 2015

STEELE, James, *Charles and Ray Eames: Eames House*, in *Twentieth Century Houses,* coleção *3s Architectures*, 1ªed., s.l., Phaidon Press Limited, 1999

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, 3ªed, Porto, Faup publicações, 1996

TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2.ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1997

VILLANOVA, Roselyne de (et al), *Casas de Sonhos: emigrantes construtores no Norte de Portugal*, Lisboa, Edições Salamandra, 1995



anexos

1. PEÇAS DESENHADAS: proposta final

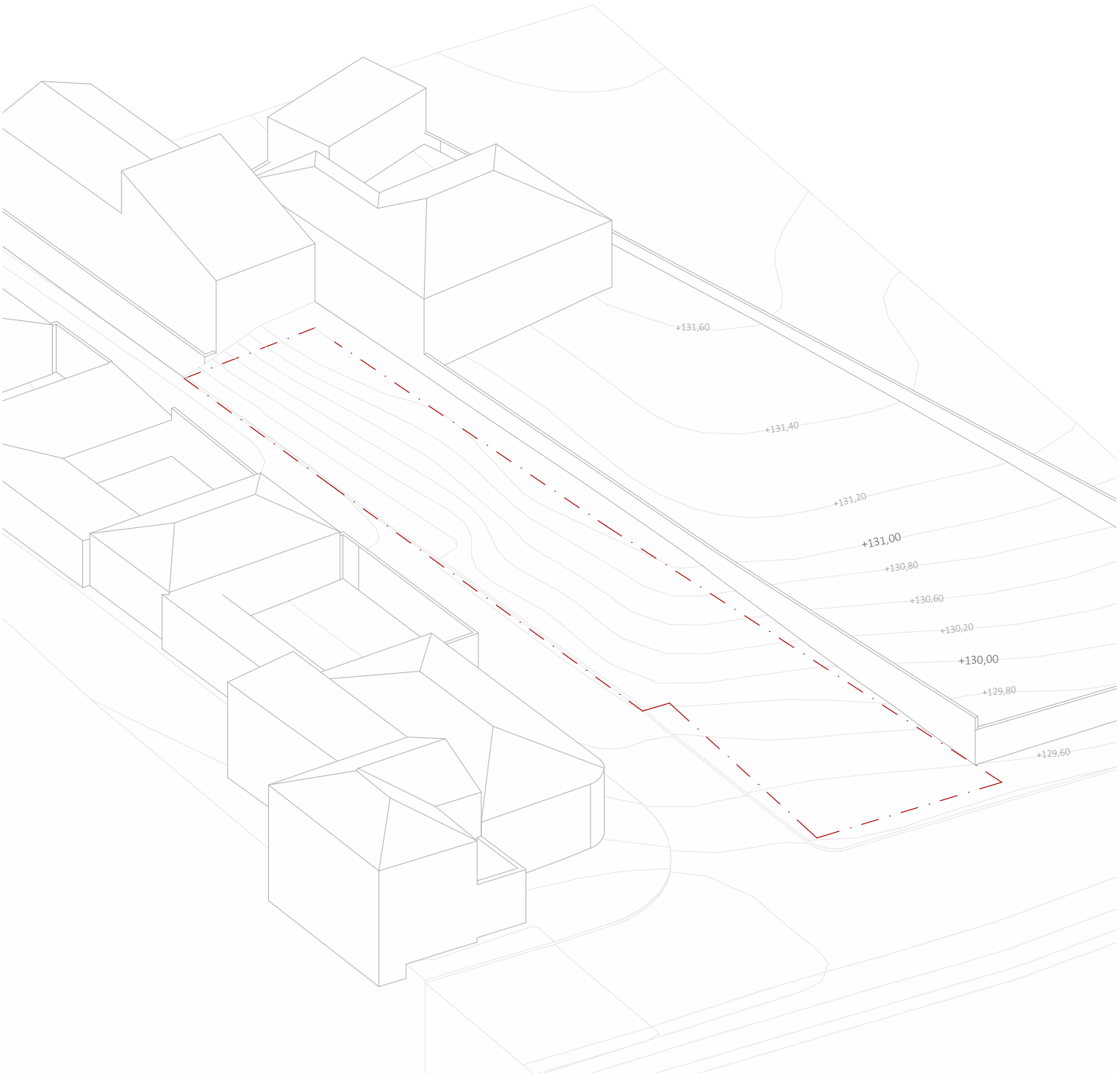
01. axonometria do terreno
02. planta e fotografias da rua
03. plantas gerais
04. planta coberturas
05. axonometria proposta
06. cortes e alçados
07. cortes e alçados
08. desenhos humanizados
09. axonometria truncada

2. FOTOS MAQUETES: proposta final

01. maquete 1:500, 1:200 e 1:50

3. PROCESSO

01. desenhos de estudo
02. desenhos de versões anteriores



N

AXONOMETRIA TERRENO

ESCALA 1:300

D 01



PLANTA DA RUA
1:500

FOTOGRAFIAS DOS EDIFÍCIOS



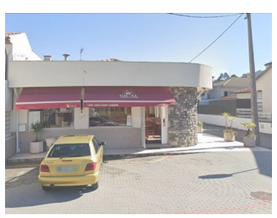
01. Habitação térrea



02. Habitação/Comércio



03. Habitação



04. Café



05. Casa dos avós
(parcela onde se desenrola a proposta)



06. Habitação térrea



07. Habitação

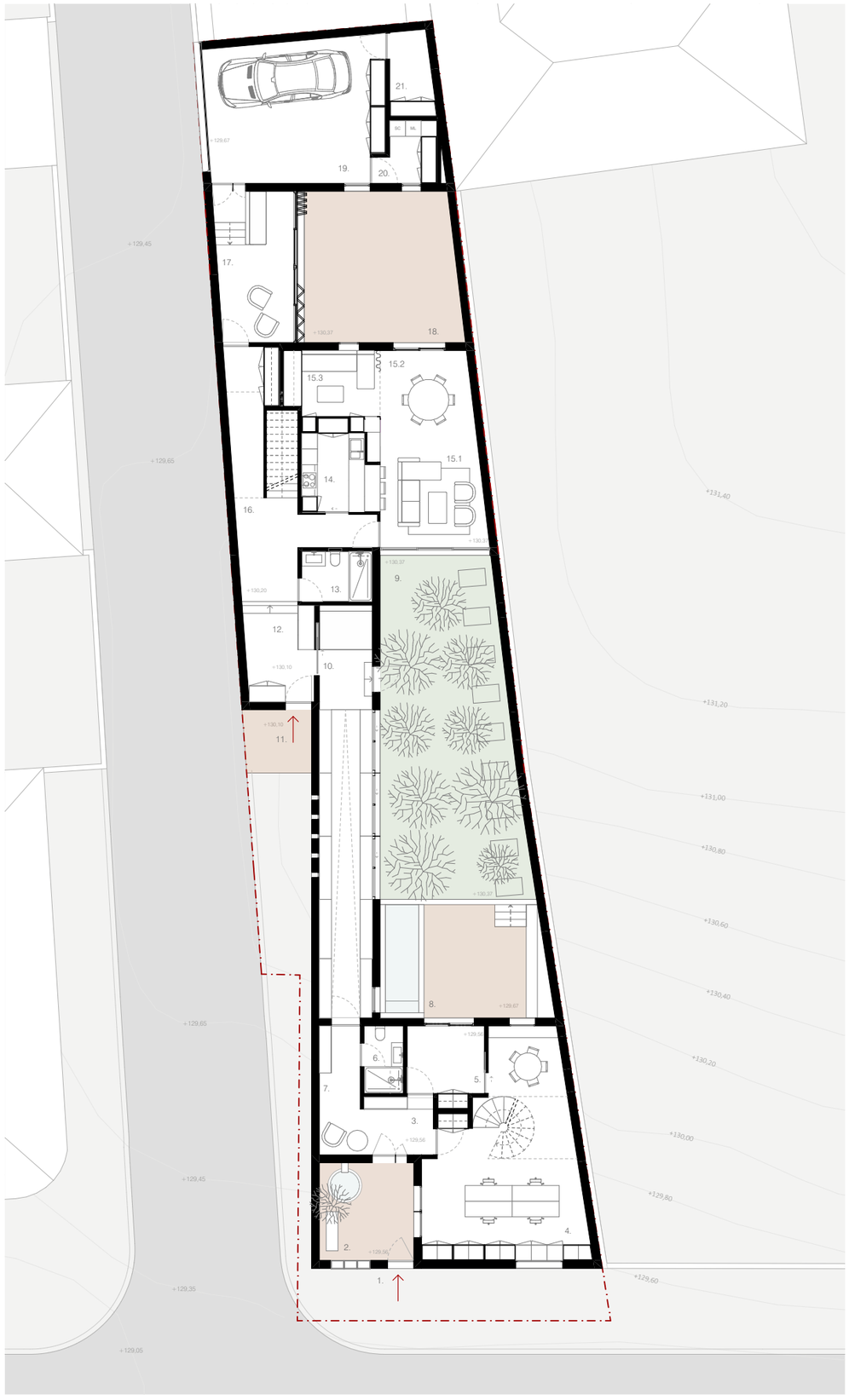


08. Habitação térrea

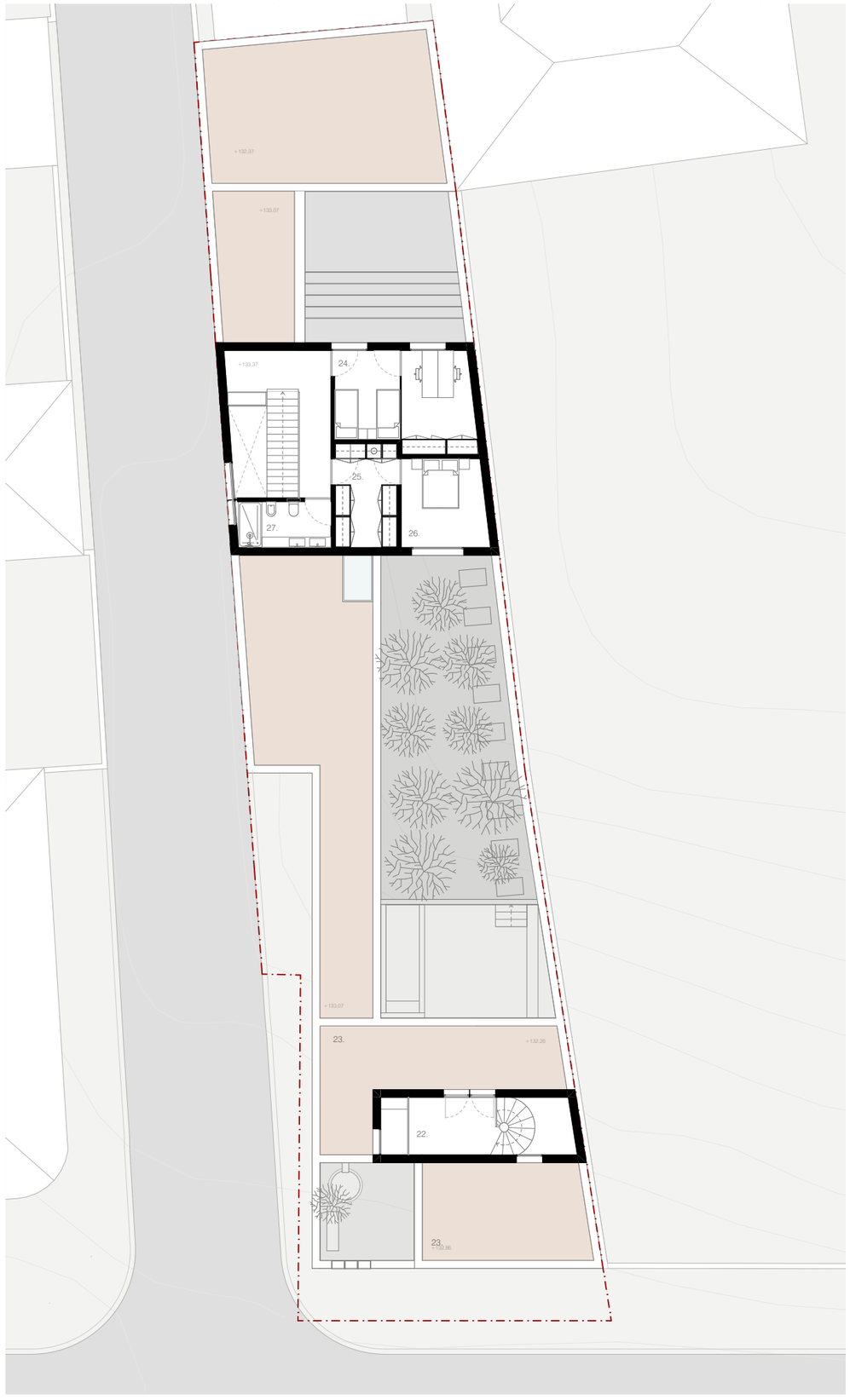
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

ESCALA 1:500

D 02



PISO R/C



PISO 1

LEGENDA ESPAÇOS

PISO RC

1. entrada formal
2. pátio do lago
3. hall
4. escritório
5. quarto hóspedes/gabinete
6. i. sanitária
7. circulação
8. pátio do tanque
9. pomar
10. biblioteca
11. entrada informal
12. hall
13. i. sanitária
14. cozinha
15. sala
    - 13.1 zona de refeições
    - 13.2 zona de estar
    - 13.3 alcova
16. circulação/acesso ao piso superior
17. jardim de inverno
18. pátio da parreira
19. garagem
20. lavandaria
21. arrumo

PISO 1

22. zona de trabalho
23. terraço
24. camaratas
25. closet
26. quarto de casal
27. i. sanitária

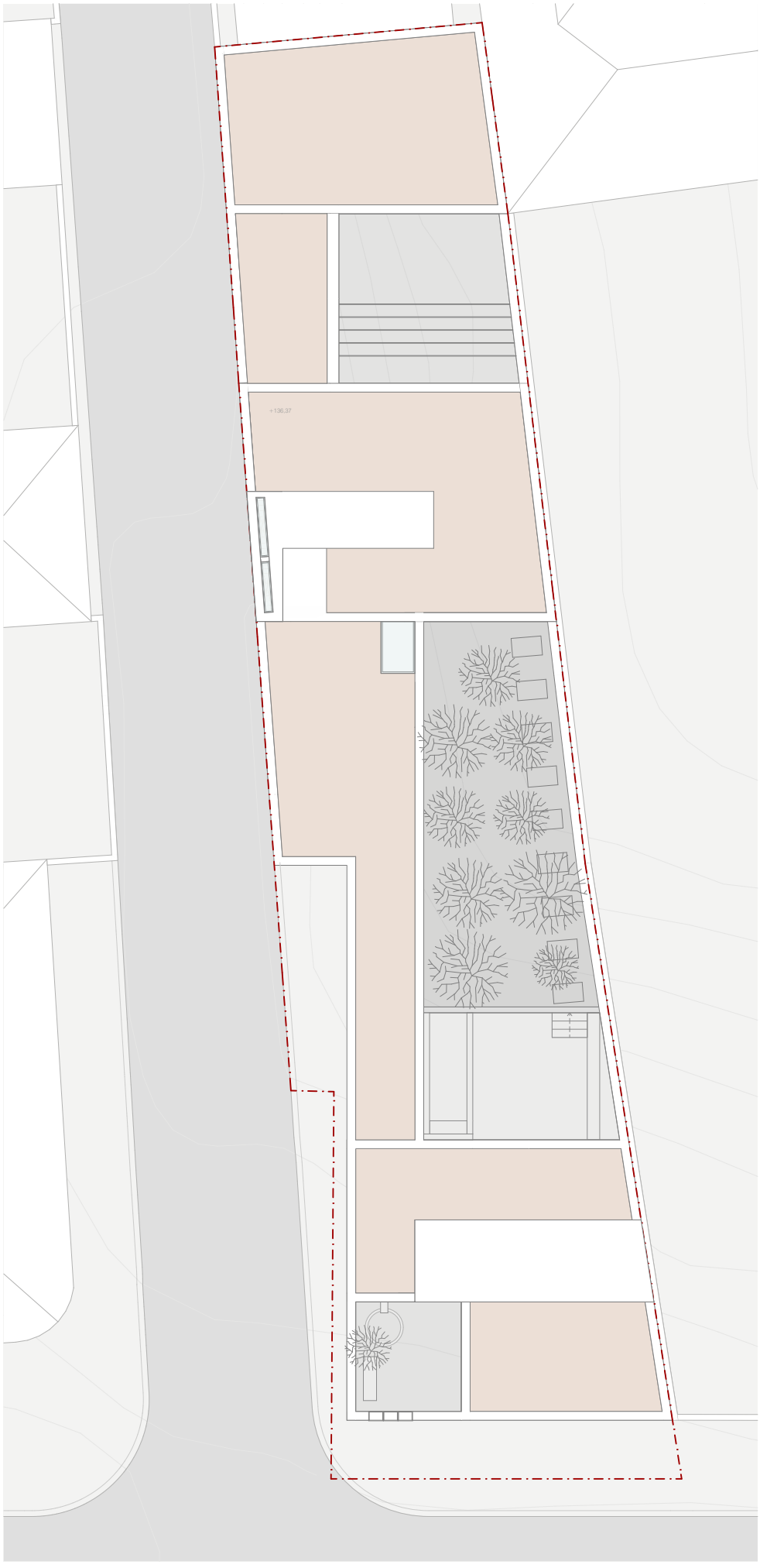
LIMITE DO TERRENO

N

PLANTAS GERAIS

ESCALA 1:200

D 03



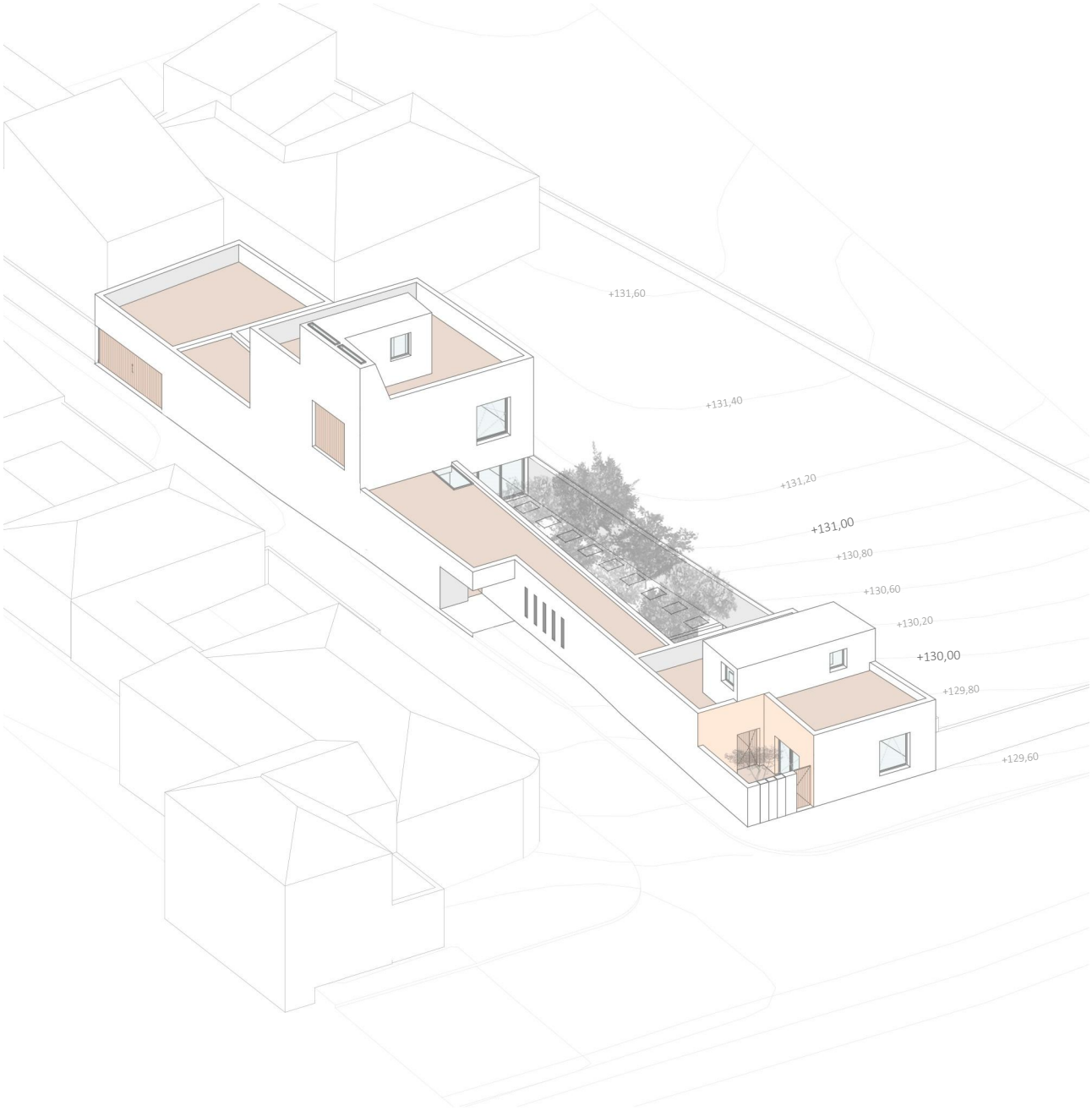
LIMITE DO TERRENO

N

PLANTA COBERTURAS

ESCALA 1:200

D 04



N

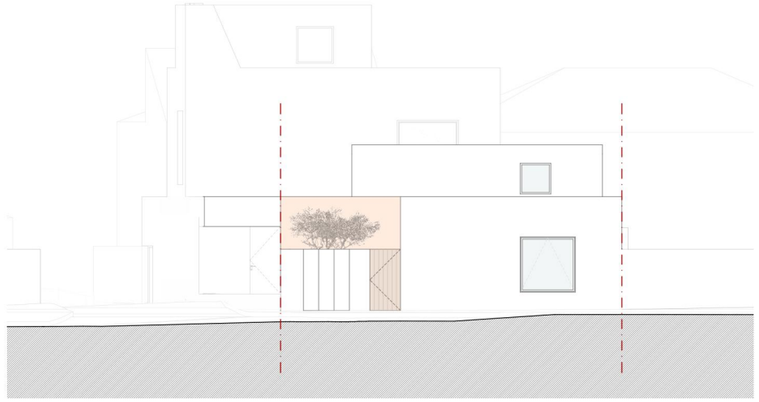
AXONOMETRIA DA PROPOSTA

ESCALA 1:300

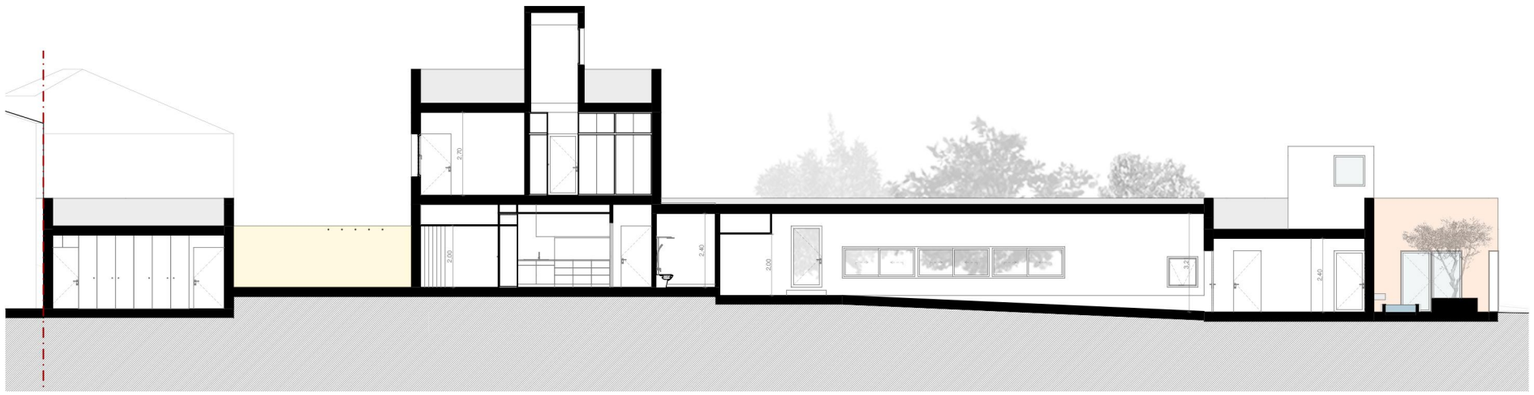
D 05



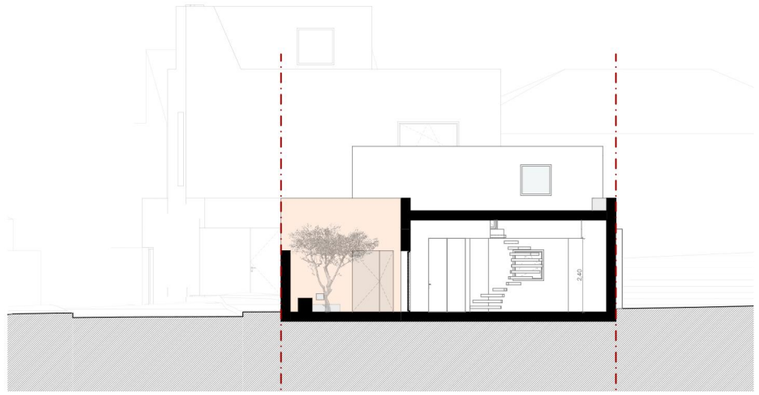
ALN - Alçado Norte



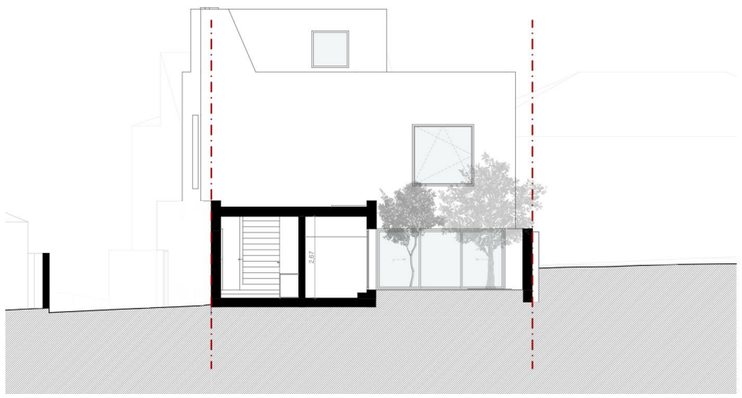
ALP - Alçado Poente



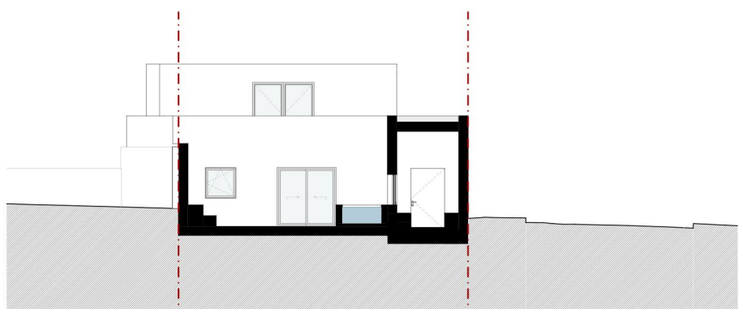
CL2 - Corte Longitudinal



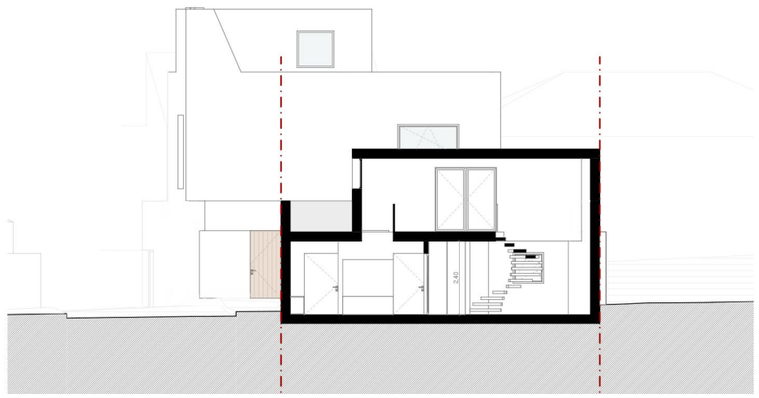
CT1- Corte Transversal



CT4 - Corte Transversal



CT3 - Corte Transversal



CT2 - Corte Transversal

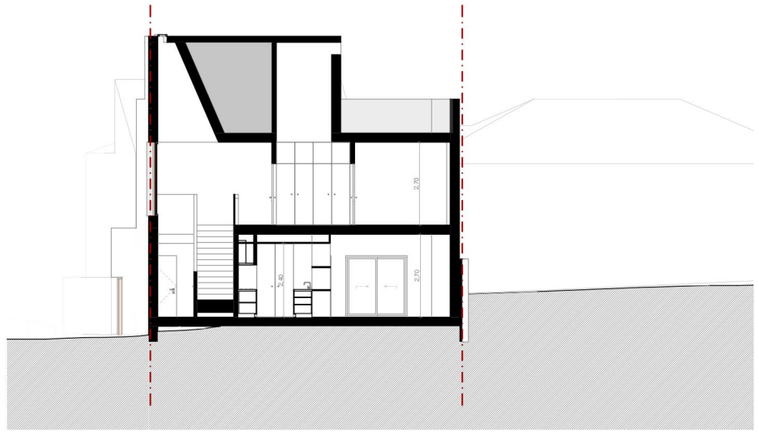
CORTES E ALÇADOS

ESCALA 1:200

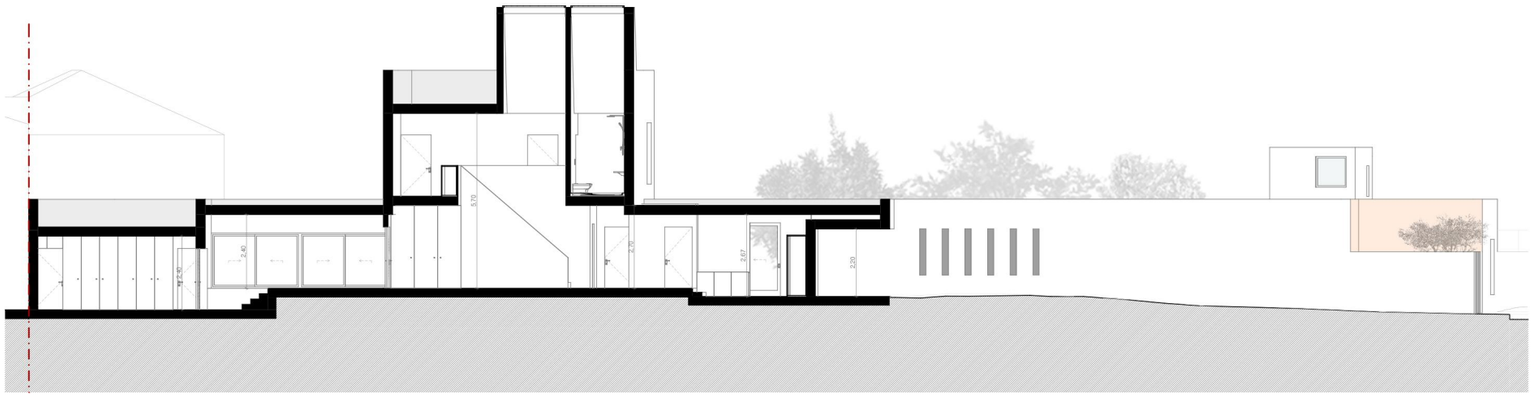
D 06



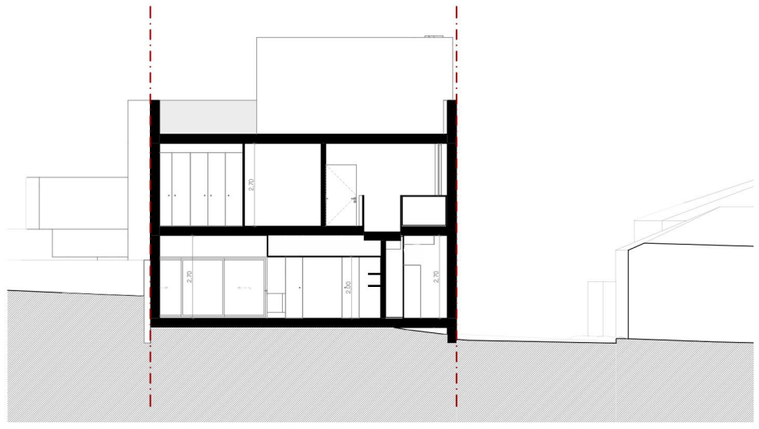
CL1 - Corte Longitudinal



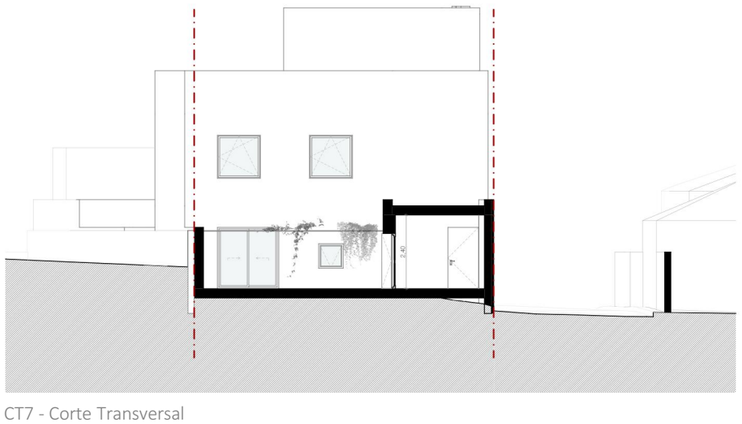
CT5 - Corte Transversal



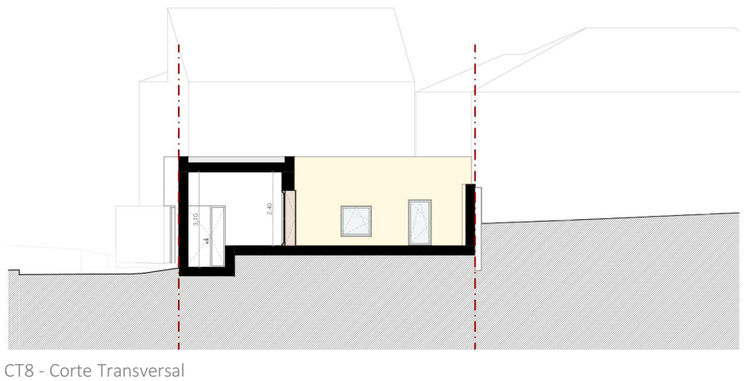
CL3 Corte Longitudinal



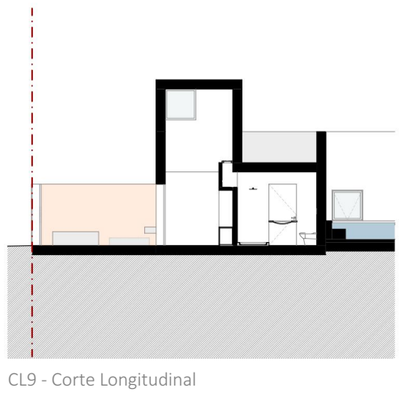
CT6 - Corte Transversal



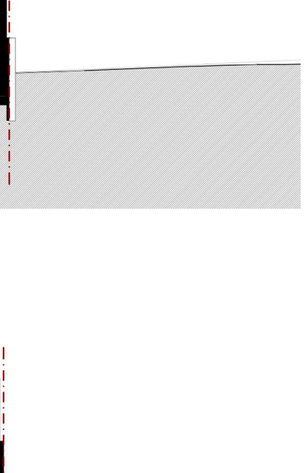
CT7 - Corte Transversal



CT8 - Corte Transversal



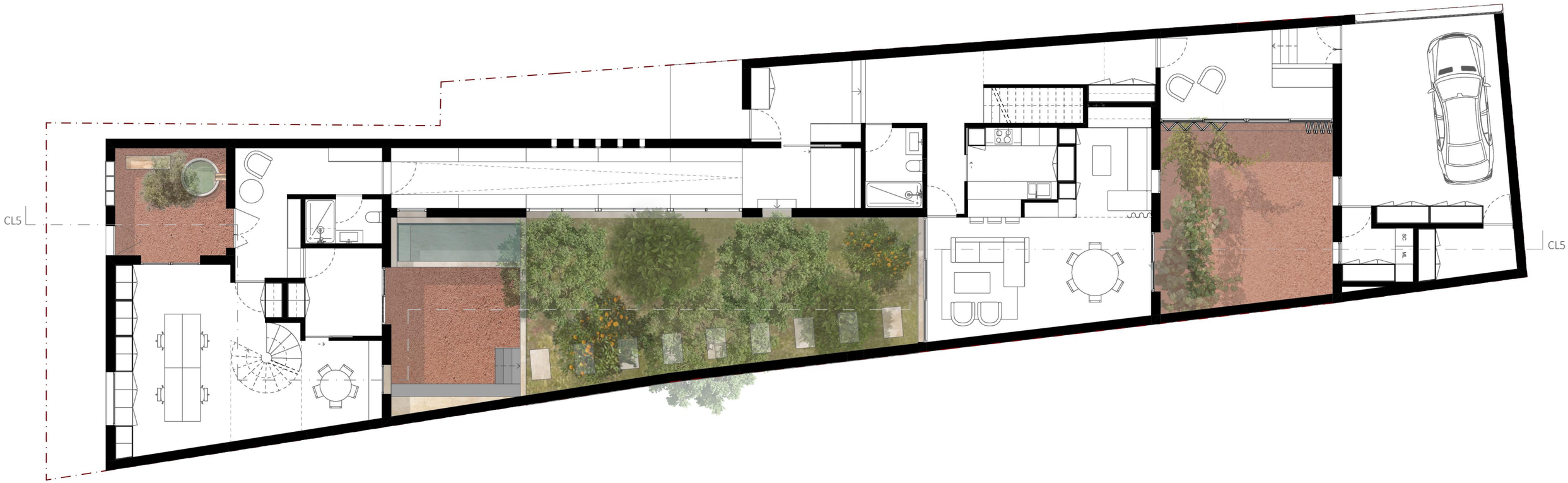
CL9 - Corte Longitudinal



CORTES E ALÇADOS

ESCALA 1:200

D 07



PLANTA R/C



CORTE 5

N

DESENHOS HUMANIZADOS

ESCALA 1:130

D 08



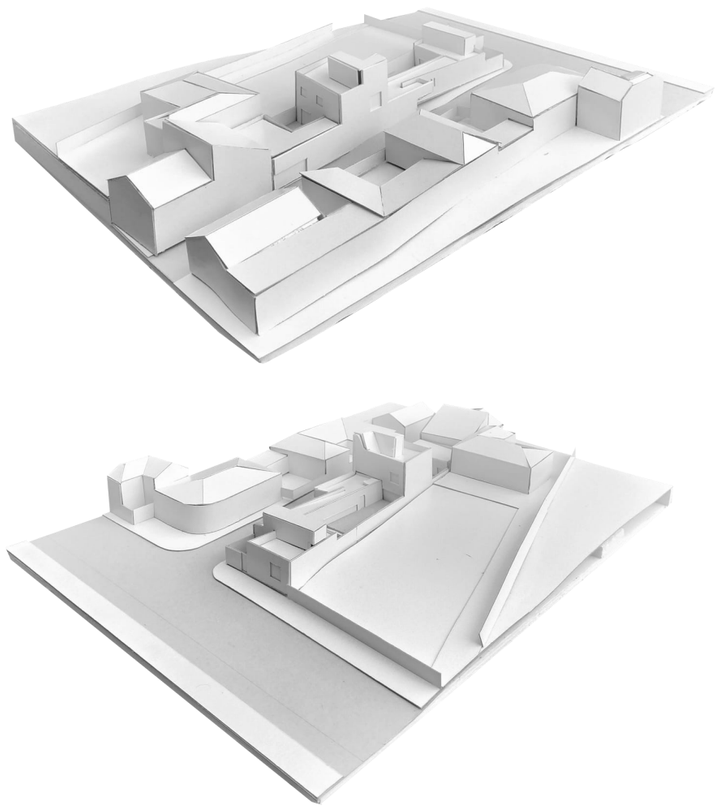
N

AXONOMETRIA TRUNCADA

ESCALA 1:200

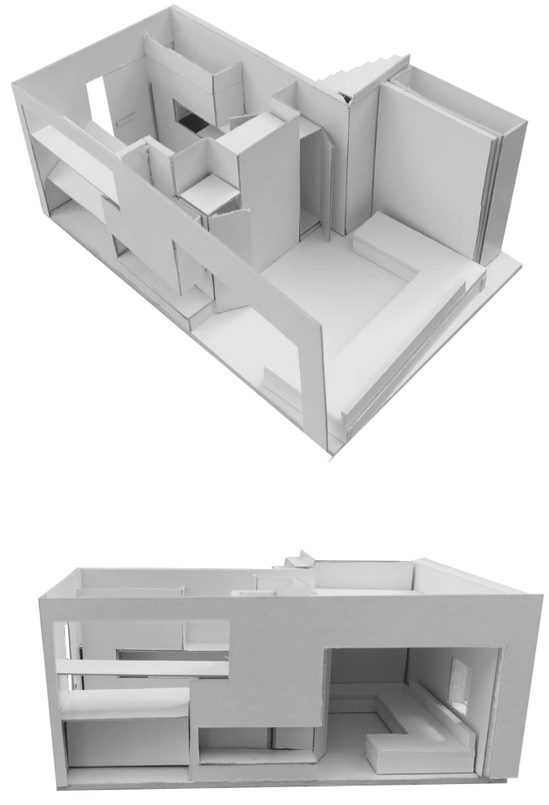
2. Fotos maquete - proposta final

- maquete 1:200



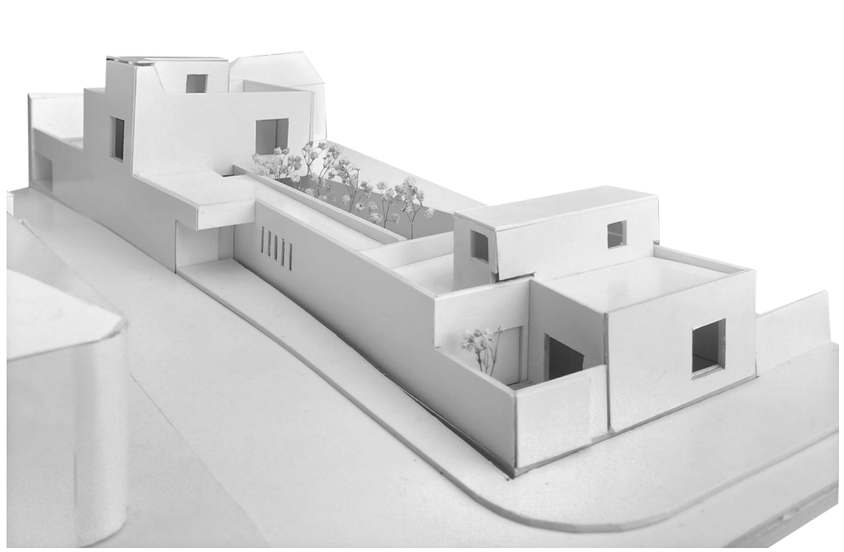
] Maquete da proposta (modelo elaborado por ES, 2022)

maquete 1:50 -

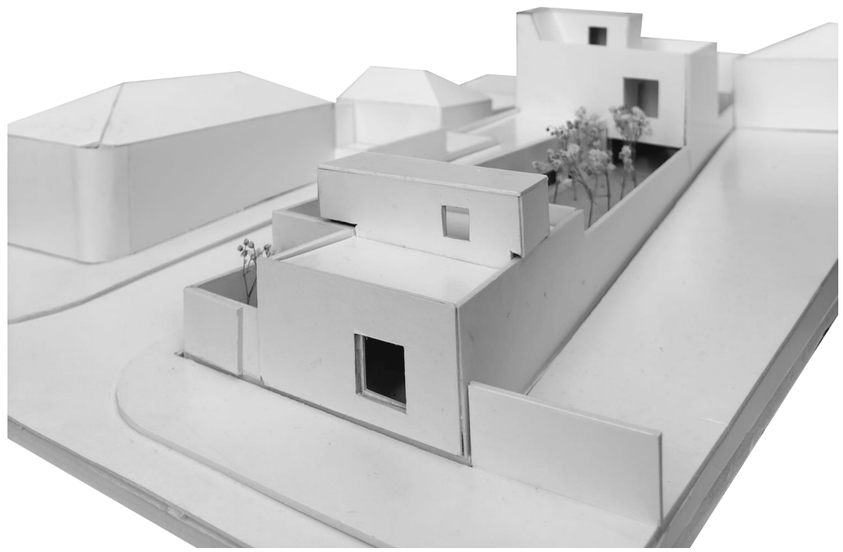


] Maquete do núcleo fechado da zona social (modelo elaborado por ES, 2022)

- maquete 1:100



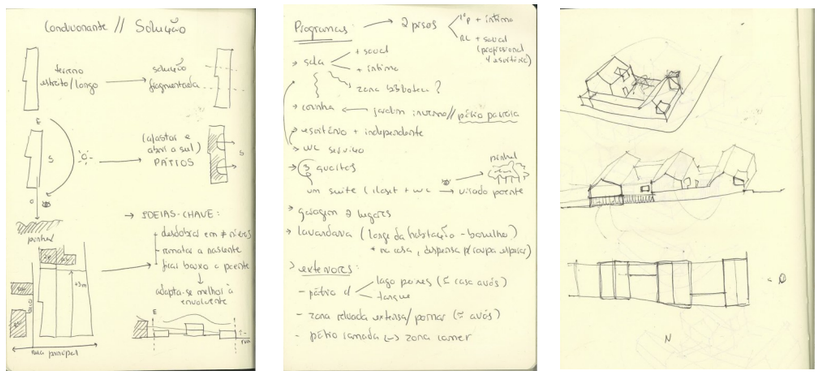
] Maquete da proposta (modelo elaborado por ES, 2022)

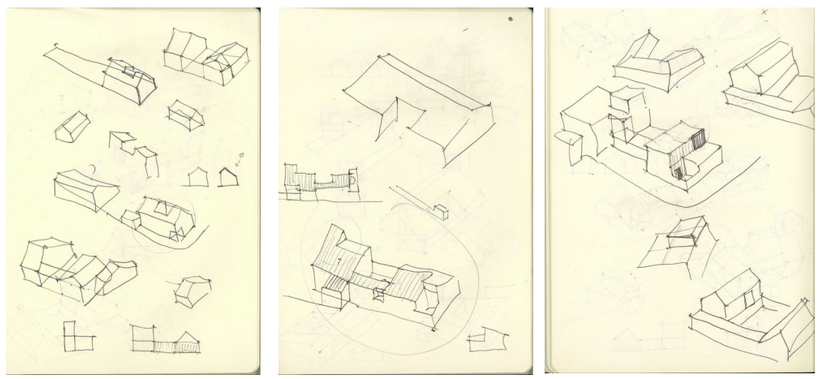


] Maquete da proposta (modelo elaborado por ES, 2022)

3. Processo

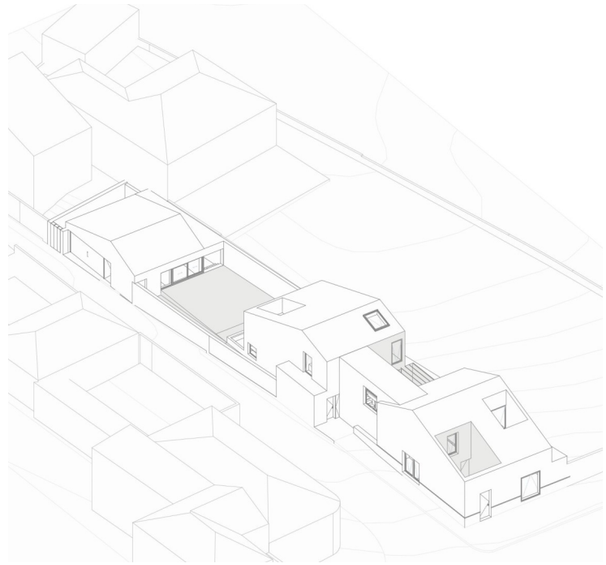
3.1. Desenhos de estudo

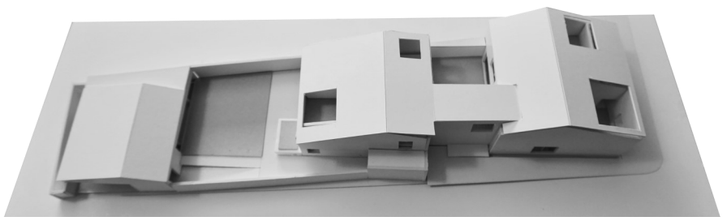




] Desenhos de estudo do caderno de processo (por ES, 2022)

3.2. Proposta versão 1

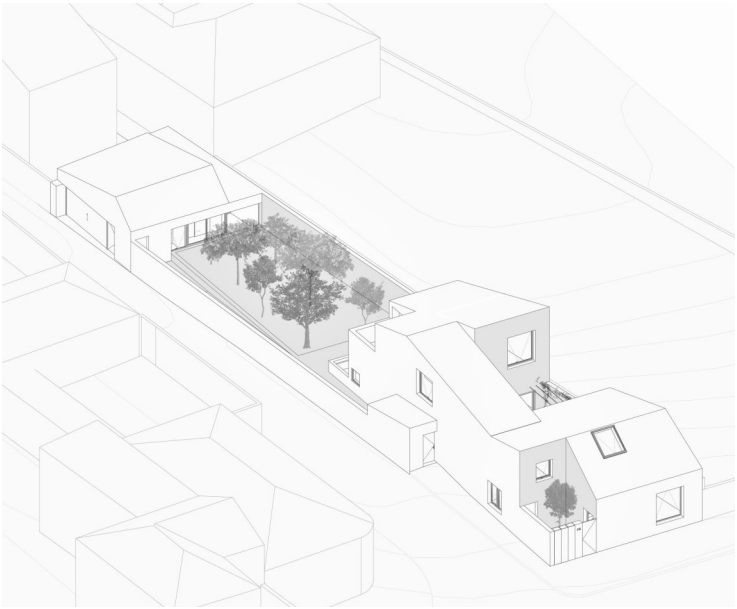


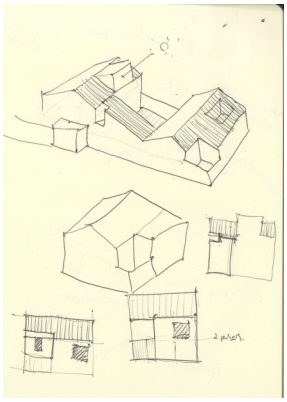


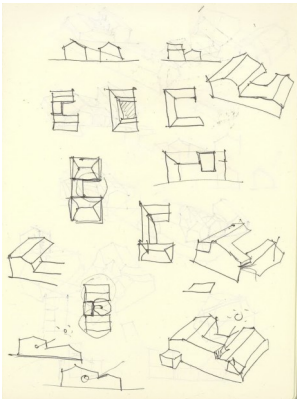
] Axonometria da versão inicial (modelo elaborado por ES, 2022)

] Maquete da versão inicial, 1 : 100 (modelo elaborado por ES, 2022)

3.3. Proposta versão 2







] Axonometria da versão 2 (modelo elaborado por ES, 2022)

] Desenhos de estudo da versão 2, no caderno de processo (por ES, 2022)